



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
CENTRO DE HUMANIDADES
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
CURSO DE HISTÓRIA

ANDRÉ LUIZ CAMPELO DOS SANTOS

***VIKINGS* NA TERRA NOVA: UMA ANÁLISE ACERCA DO IMAGINÁRIO
NÓRDICO NA AMÉRICA**

FORTALEZA

2013

ANDRÉ LUIZ CAMPELO DOS SANTOS

VIKINGS NA TERRA NOVA: UMA ANÁLISE ACERCA DO IMAGINÁRIO NÓRDICO
NA AMÉRICA

Monografia apresentada ao Curso de História do Departamento de História da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial para obtenção do Título de Bacharel em História.

Orientador: Prof. Me. Pedro Airton Queiroz Lima.

FORTALEZA

2013

ANDRÉ LUIZ CAMPELO DOS SANTOS

VIKINGS NA TERRA NOVA: UMA ANÁLISE ACERCA DO IMAGINÁRIO NÓRDICO
NA AMÉRICA

Monografia apresentada ao Curso de História
do Departamento de História da Universidade
Federal do Ceará, como requisito parcial para
obtenção do Título de Bacharel em História.

Aprovada em: ____/____/_____.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Me. Pedro Airton Queiroz Lima (Orientador)
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof.^a Dr.^a Afonsina Maria Augusto Moreira
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof. Dr. Jailson Pereira da Silva
Universidade Federal do Ceará (UFC)

A Deus.

Aos meus pais, Simone e Robério.

Aos meus irmãos, Júnior, Ígor e Marcia.

À minha avó Raimunda, minha “mãeinha”.

À vó Rosa e ao vô Gonçalo, a saudade que sinto é imensurável.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente a Deus, por ter me guiado por todos esses anos, mesmo quando eu me mostrava ingrato, indisciplinado ou até mesmo incrédulo.

Ao professor Pedro Airton Queiroz Lima, pelas elucidantes orientações, além do apoio e da amizade.

Aos professores Jailson Pereira da Silva e Afonsina Maria Augusto Moreira, cujos discursos se transformaram em grandes contribuições para este trabalho. Eu não poderia pensar em outros professores para compor a banca examinadora desta monografia.

Aos professores do Departamento os quais tive o prazer de ser aluno, Kênia Rios, Ana Carla Sabino, Marilda Santana, Ernani Furtado, Meize Lucas, Mario Martins, Ana Rita Fonteles, Frederico Neves, Gilberto Ramos, Almir Leal, Adelaide Gonçalves, Sebastião Ponte, Ana Amélia de Melo, Ivone Cordeiro, Antonio Luiz e Franck Ribard, responsáveis por ensinamentos que inspiravam muito mais do que somente a formação profissional.

Ao meu colega e grande amigo Lucas Fernandes, com o qual compartilho interesses de pesquisas, pelas dicas, sugestões e discussões que ajudaram a dar forma a este trabalho. Contribuições pelas quais sou imensamente grato.

Aos colegas e amigos da turma 2010.1 pelas experiências compartilhadas. Tenham certeza que todos de alguma forma me auxiliaram nesta caminhada e que a companhia de vocês fora valiosíssima.

À minha mãe Simone, ao meu pai Robério e ao meu irmão Júnior, que acompanharam mais de perto esse percurso, por serem fontes inesgotáveis de incentivo, compreensão, segurança e dedicação, exemplos humanos que tento seguir diariamente.

Aos meus irmãos Ígor e Marcia, os quais sempre expressaram apoio incondicional nas minhas empreitadas.

A todos os meus familiares que sempre se fizeram presentes ao longo dessa caminhada, em especial minha avó Raimunda, a quem carinhosamente chamo de “mãeinha”, minha grande inspiração de vida.

Aos meus grandes amigos de longa data Arthur Macedo, Ítalo Pereira e Narcélio Júnior, companhias imprescindíveis entre um momento e outro de obrigações cotidianas.

A todas as amizades que iniciei e cultivei ao longo da graduação, que por serem muitas, não ousarei citar aqui, pois certamente esquecerei alguém.

“Metade feito, tem aquele que começa. Ouse ser sábio, comece!”

(Horácio)

RESUMO

A presente monografia tem como proposta lançar luz sobre o problema de como se deu o processo de elaboração da ideia da presença nórdica na América antes de Colombo. Para isso é estudada a produção intelectual de pesquisadores do assunto no período que começa na década de 1830, com o lançamento de *Antiquitates Americana*, e se prolonga até pouco depois da descoberta do sítio arqueológico de L'Anse-aux-Meadows, no atual Canadá, na década de 1960. Ou seja, é analisada a trajetória de construção dessa ideia, desde iniciais especulações até se tornar um tema de estudo difundido tanto no “Velho” como no “Novo Mundo”. Partindo-se dessas considerações é possível identificar um imaginário nórdico em duas regiões do continente americano: nos Estados Unidos e no Brasil. Esse imaginário frequentemente se apoiou em “mitos arqueológicos” para legitimar-se, o que aos poucos foi sendo evidenciado ao longo desse período. No entanto, foi necessário que ele se mantivesse ativo, mesmo utilizando de suportes questionáveis, para que pesquisas de maior rigor e crítica documental fossem realizadas.

Palavras-chave: América, Groenlândia, Imaginário, Sagas, Vestígios arqueológicos, *Vikings*.

ABSTRACT

This monograph is proposing to shed light on the problem of how was the process of elaboration of the idea of the Norse presence in America before Columbus. For that, is studied the intellectual production of researchers of the field in the period beginning in the 1830s, with the release of *Antiquitates Americanae*, and extends until shortly after the discovery of the archaeological site of L'Anse-aux-Meadows, in the current Canada, in 1960. That is, is analyzed the trend of construction of this idea, from initial speculations to become a subject of a widespread study both in the "Old" and in the "New World". Based on these considerations it is possible to identify a nordic imaginary in two regions of the American continent: in the United States and in Brazil. This imaginary often relied on "archaeological myths" to legitimize itself, which was gradually being evidenced throughout this period. However, it was necessary for it to remain active, even using questionable media, for more rigorous research and critical documentary were performed.

Keywords: America, Greenland, Imaginary, Sagas, Archaeological traces, Vikings.

LISTA DE SIGLAS

IHGB	Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro
WHS	Sociedade Histórica do Wisconsin

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
1 BASE CONCEITUAL E ESTUDO ACERCA DA PRESENÇA NÓRDICA NA AMÉRICA.....	16
1.1 Sagas Islandesas: cultura escrita na Escandinávia medieval	16
1.2 Cultura material e imaginário nórdico na América.....	19
2 O IMAGINÁRIO NÓRDICO NA AMÉRICA	23
2.1 Percurso inicial: 1837 - 1883.....	23
2.2 1883: O 5º Congresso Internacional de Americanistas	25
2.2.1 A análise crítica de Ernst Løffler.....	27
2.2.2 A Groenlândia retorna à América	31
2.3 1883-1928: a consolidação do imaginário nórdico na América.....	33
3 TEORIAS ACERCA DA PRESENÇA NÓRDICA NO BRASIL.....	38
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	42
ÍNDICE DE FONTES	45
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	49
ANEXOS	51

INTRODUÇÃO

Informações contidas nas narrativas das Sagas Islandesas¹, revelaram os primeiros indícios da presença nórdica² na América, há mais de um milênio, quase 500 anos antes de Cristóvão Colombo.

No final do século X, colonizadores *vikings*³ navegaram ainda mais em direção ao Oeste. Após quase 200 anos do início da expansão dos domínios noruegueses em terras mais ocidentais no Atlântico Norte, Eric, o vermelho, repetindo os atos de seus antepassados, embarcou, em 983, acompanhado de sua e de outras famílias em direção à ilha que seria chamada por ele de Groenlândia (*Greenland*, terra verde). Lá ele fundaria, mais precisamente no ano de 986, o primeiro assentamento europeu em terras que, futuramente, seriam consideradas como geograficamente pertencentes ao continente americano (ANÔNIMO, 1906c, p. 46).

O sangue de aventureiros, descobridores e eventuais colonizadores corria nas veias de Eric. Era descendente, de quarta geração, de Eyxna-Thori, irmão de Naddoddur, viking de origem feroêsa considerado o descobridor da Islândia (ANÔNIMO, 1906b, p. 15). Porém, em suas veias também corria o sangue de um assassino. Seu pai, Thorvald, era considerado um homicida na Noruega e, para possivelmente evitar sua eventual pena, mudou-se com sua família, incluindo um pequeno Eric, para a Islândia (ANÔNIMO, 1906c, p. 45). Na vida de Eric, essa parte de seu sangue parece ter prevalecido em relação às outras, visto que fora, da mesma forma que seu pai, acusado de ter cometido dois assassinatos na Islândia e, eventualmente, considerado culpado em seu julgamento. Como pena, fora banido daquele país e obrigado a procurar um novo local para viver (ANÔNIMO, 1906a, p. 16).

Eric tinha ouvido falar dos relatos de um navegador norueguês chamado Gunnbiorn Ulfsson, supostamente o primeiro europeu a avistar a costa da Groenlândia, ou seja, a avistar um território americano. Sabendo da localização destas terras, Eric lançaria ao mar seu navio, que também tinha como passageiros algumas famílias aliadas à sua,

¹ Um dos grupos de fontes literárias mais importantes das produzidas durante o medievo, uma fonte original que tem um caráter fundamental para o estudo da Escandinávia. Uma melhor definição dessas fontes será encontrada no próximo capítulo.

² Termo usado para denominar os povos do norte da Europa cujos idiomas compartilham de uma mesma raiz, a do idioma nórdico antigo. Esses povos seriam os noruegueses, dinamarqueses, suecos, feroeses e islandeses.

³ Em seu sentido mais estrito, essa palavra do idioma nórdico antigo significaria “aquele que se lança ao mar em expedições” (HOFSTRA, 2003, p. 152-153). Contudo, o termo se tornou mais abrangente durante a Era *Viking* (período que será melhor definido no capítulo seguinte), quando tornou-se sinônimo de uma cultura em particular, mais precisamente àquela compartilhada pelo povo cuja origem remontava à Península Escandinava, região do Norte da Europa, do período anterior à conversão desse território ao cristianismo, empreitada a partir do século XI.

direcionando-o para o Oeste, e logo estaria avistando as primeiras montanhas de gelo presentes na costa daquela ilha que seria a sua nova morada (ANÔNIMO, 1906c, p. 45-47).

Passados 16 anos da partida de Eric rumo à Groenlândia, ou seja, por volta do ano 1000, como pode ser observado no “ANEXO A”, onde são mostradas as rotas de navegação⁴ no Atlântico Norte conhecidas pelos escandinavos⁵ naquele período, e após os relatos do navegador islandês Bjarni Herjólfsson, nos quais era afirmada a existência de mais terras a oeste da Groenlândia (*Greenland*, terra verde), Leif Ericsson, filho de Eric, tornou-se o primeiro europeu a alcançar as terras continentais americanas.

Viajando por territórios que hoje compõem parte do Canadá, como é possível verificar no “ANEXO B”⁶, onde são apresentadas as denominações atribuídas pelos *vikings* aos outros territórios avistados, no caso *Helluland* (ou Ilha das Pedras-Chatas, hoje Ilha de Baffin) e *Markland* (ou Ilha Floresta, hoje a costa de Labrador), Ericson finalmente “aporta” no local batizado por ele como *Vinland*, ou terra do vinho⁷. Tal local é mais comumente atribuído à ilha de Terra Nova⁸, na atual província canadense de Terra Nova e Labrador, e lá ele fundou um assentamento *viking* que perdurou por aproximadamente 10 anos, até que, por motivos ainda não definidos, retorna à Groenlândia por volta do ano 1009.

Apesar da abordagem que muitos estudiosos do século XIX empregaram acerca da Ilha da Groenlândia⁹, quase sempre ignorando que a mesma é um território componente do continente americano (devido talvez à condição histórica e política da Ilha como uma Nação Constituinte Autônoma do Reino da Dinamarca, situação que perdura até hoje) e, conseqüentemente, considerando apenas os eventos de *Vinland* como a efetiva presença nórdica no Continente (o que seria correto somente se tal afirmação fosse feita relacionando-

⁴ Como é possível observar no “ANEXO A”, essas rotas partem da Escandinávia, atravessam todo o Atlântico Norte e vão até à Nova Escócia, região canadense que faz fronteira com os Estados Unidos (Nova Inglaterra).

⁵ Literalmente, aquele cuja origem é a Península Escandinava.

⁶ É importante ressaltar aqui que as atribuições dessas denominações aos respectivos territórios do Canadá, presentes neste anexo, foram efetuadas utilizando-se do método comparativo, ou seja, a partir das descrições de relevos presentes nas Sagas foi possível, para os estudiosos do tema no século XX, identificar tais territórios como aqueles citados nas mesmas. Além disso, outras informações provenientes das fontes utilizadas nesse estudo, e que serão melhor trabalhadas nos capítulos que compõem esta monografia, também alicerçam tais atribuições.

⁷ Em decorrência da suposta presença de videiras que cresciam no local. Porém tal afirmação é contestada por alguns historiadores e filólogos, para quem a tradução correta, baseada em usos antigos do termo *Vin*, seria “pastagens”, nesse caso, a tradução do termo seria “terra das pastagens”, entretanto, os relatos reproduzidos pelo estudioso Adão de Bremen, contemporâneo aos acontecimentos aqui descritos, afirmam que o nome, de fato, derivaria da relatada presença de videiras no território descoberto (ADÃO DE BREMEN, 1906, p. 67).

⁸ Neste trabalho o termo Terra Nova sofreu uma extensão em seu significado. Embora o mesmo denomine uma ilha no Canadá, aqui ele é utilizado para englobar todo o continente americano. A finalidade desse uso é abrir caminhos para os estudos de obras que abordavam a suposta presença viking em outras localidades do Continente para além do que hoje é o território do Canadá.

⁹ Afirmação que será evidenciada durante a análise das obras contempladas nesta monografia.

a, estritamente, ao atual território do Canadá), a atual Groenlândia oferece elementos de cunho geográficos, demográficos e culturais suficientes para pensá-la de outra forma que não a desses estudiosos.

Geograficamente, trata-se de um território insular que se localiza na costa nordeste da América do Norte. Já no quadro demográfico, a população da Ilha é composta majoritariamente (89%) por descendentes de Inuítes¹⁰, sendo somente o restante da população (11%) de origem europeia, não necessariamente dinamarquesa, apesar da maior presença desta¹¹. Como consequência desse cenário, a população Groenlandesa, por meio de referendo e reconhecendo as diferenças culturais existentes entre a Ilha e o continente europeu, renunciou à sua condição de território membro da Comunidade Europeia (atual União Europeia) em 1985, evento esse que se mantém como único na História da referida Instituição. Sendo assim, não resta razões para que a Ilha não seja considerada parte constituinte da América, assim como não há motivos para que a presença viking naquela região não seja refletida como “um capítulo” da História da América.

Desse modo, considerando-se a presença nórdica também na Groenlândia, chegar-se-á a um período estimado de mais de 4 séculos de ocupação ininterrupta por parte desse povo em terras americanas, entre o período que se inicia em 986 até, possivelmente, o fim do século XV, mais precisamente.

Entretanto, essas afirmações reproduzidas e estimadas a partir de narrativas provenientes da tradição oral, ou seja, das Sagas, não seriam suficientes, por parte de alguns pesquisadores do assunto, para aceitar, sem controvérsias, a presença de um povo europeu na América antes da chegada de Colombo. Havia um anseio, por entre esses pesquisadores, para se definir, em meio às passagens fantasiosas, aquilo que “aconteceu de fato”. Para tanto, os estudiosos parecem ter apostado nos achados arqueológicos como provas dos fatos que foram sendo revelados ao mundo a partir da década de 1830.

Dessa forma, a proposta deste trabalho é lançar luz sobre o problema de como se deu o processo de elaboração da ideia da presença nórdica na América antes de Colombo. Ou seja, é analisada a trajetória de construção dessa ideia, desde iniciais especulações até se tornar um tema de estudo difundido tanto no “Velho” como no “Novo Mundo”¹². Além disso,

¹⁰ Um povo da nação esquimó que originalmente habitava a extremidade norte do território continental americano, tidos como um dos possíveis causadores do fracasso da colonização da Groenlândia, ao se conflitarem com os nórdicos residentes (DIAMOND, 2005, p. 261).

¹¹ Ver: Central Intelligence Agency. **Greenland**. Central Intelligence Agency, 2013. Disponível em: <<https://www.cia.gov/library/publications/the-world-factbook/geos/gl.html>>. Acesso em: 15 mai. 2013.

¹² O que se mostra evidente frente à quantidade de produção científica publicada e que aborda o tema. No Brasil, o historiador Johnni Langer tem escrito regularmente a respeito da presença nórdica na América (em meio à sua

visa-se também fazer um estudo sobre um caso singular de “mito arqueológico”, denominado pelos estudiosos do assunto como “imaginário nórdico”, compreendido entre as décadas de 1830 a 1970, cujos discursos abrangem, além dos territórios canadenses aqui citados, quase que a totalidade do continente americano¹³.

A hipótese levantada é a de que um exaustivo estudo documental, realizado ao longo de décadas por vários estudiosos do assunto¹⁴, e que consistia, majoritariamente, em comparações entre as informações contidas nas narrativas com aspectos geográficos das supostas regiões, aliado aos conhecimentos navais, geográficos e cartográficos adquiridos e disseminados ao longo da evolução tecnológica dos últimos séculos, bem como com as devidas contribuições resultantes da pesquisa e da crescente ciência arqueológica, foi possível acumular indícios suficientes para embasar o que até então não passava de narrativas transmitidas oralmente.

Desse modo, os objetivos do trabalho serão:

- a) Analisar as obras de cunho acadêmico publicadas ao longo dos últimos dois séculos (XIX e XX, mais precisamente entre as décadas de 1830 e 1970) que tinham como finalidade por em evidência a hipótese da presença nórdica em diferentes localidades da América. Análise essa cuja intenção é realizar estudos sobre as fontes utilizadas para compor tais obras, bem como as metodologias empregadas pelos autores, conseqüentemente, colocando-os em foco, de modo a entender como os mesmos se portaram frente à pesquisa realizada;
- b) Evidenciar as versões do acontecimento presentes nessas obras estudadas, buscando ressaltar a relevância/importância adquirida por esses trabalhos no contexto sócio-cultural ao qual estavam inseridos;
- c) Ressaltar o papel da Arqueologia no contexto da elaboração das obras aqui estudadas, no sentido em que tal ciência possa ter oferecido subsídios que suportaram os discursos apresentados no período, assim como o estabelecimento

longa produção sobre a Escandinávia medieval). Para ver os artigos desse historiador brasileiro, acessar: <<http://ufpb.academia.edu/JohnniLanger/Papers>>. Já na Europa, mais recentemente, é possível constatar a publicação de duas dissertações de mestrado que abordam o tema da presença nórdica na América. Uma pela universidade da Islândia: UMBRICH, Andrew. **Early Religious Practice in Norse Greenland: From the Period of Settlement to the 12 th Century**. Reykjavík: Universidade da Islândia, 2012; e outra pela Universidade de Durham, no Reino Unido: SHAFER, John Douglas. **Saga accounts of norse far-travellers**. Durham: Durham University, 2010.

¹³ A arqueologia moderna comprovou a existência de colônias vikings na Groenlândia e na ilha de L'Anse-aux-Meadows, localizada na província canadense de Terra Nova e Labrador. Todas as inscrições e objetos já considerados de origem nórdica e que foram encontrados nos Estados Unidos ou na América Latina até o presente momento já não possuem mais este estatuto, sendo agora referenciadas como de origem indígena ou datada da época da colonização européia empreendida a partir do século XVI (LANGER, 2002, p. 1).

¹⁴ Dentre eles, Ernst Løffler e Knud Steenstrup, que serão apresentados mais à frente nesta monografia.

de culturas materiais em diferentes localidades do Continente, não relevantes somente aos estudos sobre a presença nórdica; e

d) Entender por quais motivos determinadas ideias cristalizadas acerca do pioneirismo ibérico no descobrimento da América, conseguem perdurar, ao longo do tempo, por entre o que se é produzido, em termos de historiografia, no Continente, para, a partir disso, propor, caso se mostre propício, uma tentativa de revisionismo sobre essas ideias cristalizadas.

A justificativa para o trabalho está alicerçada sobre a presença do desconhecimento revelada por parte da Academia em relação a esse campo de estudo, principalmente ao que é produzido a nível mundial sobre o assunto, e por parte da sociedade, de uma forma geral, frente aos acontecimentos aqui abordados.

A metodologia utilizada nesta monografia envolveu, em um primeiro momento, a compilação de estudos de cunho acadêmico apresentados durante o período delimitado, ou seja, entre as décadas de 1830 e 1970, que buscavam disseminar a ideia da presença nórdica em diferentes localidades do continente americano e que, de alguma forma, conseguiram adquirir determinada relevância frente à sociedade a qual estavam inseridos.

Em um segundo momento, foram feitas as devidas análises críticas desses estudos, de modo a compreender a finalidade das obras, assim como suas motivações, verificando as fontes utilizadas (algumas à disposição no acervo digital da Sociedade Histórica do Wisconsin – WHS, outras no site Archive.org), colocando em questionamento as respectivas naturezas dessas fontes, assim como a postura do estudioso perante as mesmas, buscando o entendimento da produção desse tipo de conhecimento durante sua época.

No terceiro e último momento da metodologia empregada, foram utilizados trabalhos provenientes da ciência arqueológica, de modo a se analisar o papel da Arqueologia quando do uso da cultura material, utilizada pelos autores para legitimar grande parte do conhecimento produzido e que foi estudado neste trabalho.

Esta monografia apresenta sua seqüência de desenvolvimento dividida em 3 capítulos.

O primeiro capítulo visa estabelecer uma base teórica por meio da realização de uma revisão da literatura contemplada neste trabalho, a fim de se pensar os conceitos de cultura escrita, cultura material e imaginário no debate sobre a presença nórdica na América.

No segundo capítulo são apresentadas as análises críticas das obras de cunho acadêmico que defendiam a tese da presença nórdica nos Estados Unidos, escritas entre as décadas de 1830 e 1920, e que foram, em sua maioria, publicadas na parte norte do continente

americano e na Europa. Análise efetuada, como já escrito anteriormente, no intuito de se estudar as fontes utilizadas para compor tais obras, bem como as metodologias empregadas pelos autores, conseqüentemente, colocando-os em foco, de modo a entender como os mesmos se portaram frente à pesquisa realizada. Além disso, visa-se evidenciar, mesmo que minimamente e quando se mostrar possível, como foi a recepção que estas obras tiveram em meio à comunidade científica e à sociedade contemporâneas a suas publicações.

Já o terceiro capítulo lança luz sobre as versões e os mitos da suposta presença nórdica na América do Sul, presentes principalmente em edições da revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IGHB), publicadas em 1840, como também na obra *Os Vikings no Brasil*, do antropólogo francês Jacques de Mahieu, publicada em 1976 na tentativa de dar uma espécie de prosseguimento, aqui no Brasil, às descobertas de vestígios arqueológicos nórdicos ocorridas na década de 1960, no Canadá. Ainda neste capítulo, da mesma forma que no segundo, realiza-se análises das fontes, da metodologia, do modo como o autor debruça-se frente a sua pesquisa e da recepção da obra, principalmente em solo brasileiro.

1 BASE CONCEITUAL E ESTUDO ACERCA DA PRESENÇA NÓRDICA NA AMÉRICA

Faz-se necessário, antes de se partir para a análise crítica das obras publicadas durante o período delimitado neste trabalho, refletir acerca de três conceitos-chave que serão recorrentes, com esses termos ou não, ao longo deste estudo: cultura escrita, cultura material e imaginário. Desse modo, tal reflexão é necessária para os estudos sobre a presença nórdica na América.

1.1 Sagas Islandesas: cultura escrita na Escandinávia medieval

As sagas islandesas foram, sem dúvidas, fontes que tiveram presença nas obras sobre o período dos assentamentos viking na América e que foram publicadas antes dos achados arqueológicos sobre esse período. Analisar tais sagas é se deparar com passagens fabulosas e diferentes versões sobre os mesmos eventos.

As sagas são um dos grupos de fontes literárias mais importantes das produzidas durante o medievo, uma fonte original que tem um caráter fundamental para o estudo da Escandinávia, como também do estudo cultural do ocidente medieval cristão. (LANGER, 2009b, p.1). As sagas são fontes literárias, narrativas onde são apresentadas histórias de linhagens, lendas, famílias, heróis. As sagas foram produzidas entre os séculos XII e XIV, e seu período de maior produção reside entre os anos de 1150 a 1350, sofrendo influência clara de elementos cristãos, obras hagiográficas e literatura clássica. (BOYER, 1997, p. 130-133). O termo saga é oriundo de um verbo islandês: *segja*,¹⁵ tal verbo pode ter alguns sentidos, como: "dizer", "recontar", "falar" (onde o plural desse termo seria: *sögur*). Verbo este que foi apregoado para nominar tal fonte, pois as primeiras sagas eram transmissões orais que tinham o intento de passar, "recontar" a tradição, sendo um exemplo de caráter identitário e da sociedade, como também da cultura da região retratada (LANGER, 2009b apud BOULHOSA, 2005, p. 17-18).¹⁶

As sagas são tradicionalmente divididas em diversas categorias:

¹⁵ Ver: MIRANDA, Pablo G. Uma breve introdução as Sagas Reais. In: **Notícias Asgardianas**. Nº1, Setembro/Outubro de 2012.

¹⁶ Ver: BOULHOSA, Patrícia Pires. Sagas Isalandesas como fonte da história da Escandinávia medieval. In: **Signum**, V.7, 2005, p. 13-40.

"As sagas tradicionalmente são classificadas por referenciais temáticos (sagas legendárias: fornaldarsögur, sagas de reis: konungasögur; sagas de família: íslendingasögur; contemporâneas: sturlunga saga, sagas dos bispos: biskupasögur; sagas de cavalaria traduzidas: riddarasögur; sagas de cavalaria de origem nativa: lygisögur)." (LANGER, 2009b, p. 2-3).

As sagas ganharam destaque e passaram a ser revistas no final do século XVIII e principalmente no século XIX. Sabemos que durante esse período houve em diversas sociedades a busca por um símbolo da nação, um herói nacional, seguindo a tendência de produção da história positivista do período. No Brasil, Francisco Adolfo de Varnhagen tornou a batalha dos Guararapes um grande símbolo de união nacional, um marco da formação da nação e que ali teria "se iniciado o Brasil", essa teoria segue a tendência do período de oitocentos. Em busca dessa "tradição", houve diversas construções que nomeavam a Escandinávia da Era *Viking*¹⁷ como um lugar de total coesão e união e que os povos escandinavos se encontravam sobre uma mesma cultura, dando para tal região a justificativa de unidade nacional desde os primórdios e os *Vikings* como símbolo nacional. A importância dessa construção para as sagas é que os pesquisadores buscaram nessas fontes literárias, diversos símbolos, exemplos para a construção nacional, tal fato que propiciou traduções nessas fontes e publicações, tudo no intento de atender ao "despertar romântico" em busca de um passado "ufanista". Segundo Lönnroth (1999, p.243), "a literatura e a arte fundiram-se em uma interpretação política da História, todas refletindo as antigas glórias dos nórdicos" (LANGER, 2009b, p. 4).¹⁸

Estas fontes apesar de serem produzidas no período supracitado tratam de período anterior ao de sua produção, algo que já requer uma atenção especial no seu, pois qualquer documentação retrata mais do período de sua produção do que se pretende retratar. Visto isso, o historiador deve observar conjunturas diferentes, pois terá que analisar essas

¹⁷ A Era *Viking* é período definido entre 790 d.C (ou 793 d.C., quando houve o ataque e o saque ao mosteiro de Lindsfarne na região da Nortúmbria) e 1066 d.C., quando ocorreu a vitória do normando Guilherme, o conquistador, na batalha de *Stamford Bridge*, caracterizando o domínio normando sobre o trono inglês e o fim do domínio *Viking* (LANGER, 2011, p. 4).

¹⁸ "O fortalecimento físico e as competições significavam também preparação para a guerra. Os jovens liam histórias sobre guerreiros espartanos e combates nórdicos, nas quais aprendiam o sentido de existência de servir a pátria. Nesta literatura estavam acentuados valores como retidão, honra, fidelidade, culto ao líder, heroísmo. Os manuais escolares ensinavam que a vitória pelo sacrifício era um bem precioso. Havia inúmeros agrupamentos de crianças e jovens que estimulavam a camaradagem e a incorporação de valores patrióticos." (CAPELATO ; D'ALESSIO, 2004, p. 34). Nesta dimensão dos regimes fascistas, especialmente o Nazista, as Sagas sofreram um grande resgate em busca do herói nacional. Dentre as figuras que produziram baseado nas sagas Richard Wagner foi um dos mais importantes: "Richard Wagner foi festejado no 3º Reich e considerado precursor e iniciador de novos tempos. Hitler o tomava como modelo e se identificava com ele, não só pelas composições musicais nas quais glorificavam o passado mitológico e heroico da Alemanha, mas também por suas ideias nacionalistas e antisemitas. O compositor valia de mitos nórdicos e germânicos em suas obras. [...] apelando para a imaginação heroica regeneradora do universo. A luta do Bem contra o Mal está representada em suas criações artísticas." (CAPELATO; D'ALESSIO, 2004, p. 65).

temporalidades, desde a temporalidade de produção à temporalidade em que o mesmo está se referindo. Algo que gera desafios estimulantes para o historiador. Outra dimensão de cautela do historiador, é visto que tais fontes são anônimas. Sabemos que o método do historiador deve buscar o lugar social do autor para compreender melhor sua escrita. Mas, pelo seu anonimato, nós temos que compreender a conjuntura social desses escritores, no intento de buscar entender os traços da cultura escrita deles, além disso, buscar dentro da própria escrita elementos de suas formações.

Outro cuidado que devemos ter com essa fonte são as dimensões entre imaginação e realidade. Tal escrito é marcado pelo tom descritivo e elementos lendários ou fictícios. Ao analisar tais fontes, sabendo que os estudos feitos sobre as mesmas podem estar no campo da História, nós devemos recorrer a outros campos e fontes, realizando o diálogo com as sagas. Para isso a arqueologia, filologia, entre outros, podem nos ser muito úteis para possibilitar esse diálogo entre a história e a literatura contida nas sagas.

Nas últimas décadas, os historiadores têm dado atenção maior ao trato metodológico entre a História e a Literatura, com diversos estudos historiográficos sobre as sagas. Atualmente se busca perceber a dimensão que estas fontes têm para com a sociedade:

As tendências atuais não enfatizam mais a dicotomia história versus ficção nas sagas islandesas, ou então, a busca por parâmetros históricos tradicionais na constituição dos personagens, eventos, trama, e sim o estudo de valores sociais, os temas, as tendências, os padrões, as estruturas e as contradições nos textos (SAWYER; SAWYER, 2006, p. 24), aproximando-se da História Social e Cultural, além da Antropologia Histórica e da História Comparada (LANGER, 2009b, p.6).

O historiador Johnni Langer nos aponta três métodos de análise, onde os compreendemos como elementos claros para a metodologia da Nova Escandinavística¹⁹ e seu trato para com as sagas. O primeiro seria o “Método comparativo externo”, no qual o pesquisador retrata que tais estudos não são mais pensados com apenas elementos internos, mas também de diversos elementos externos, onde podemos destacar uma relevante quantidade de análises: diálogo com a tradição germânica, tradição literária medieval, relatos de viajantes e de estrangeiros, fontes latinas, fontes judaico-cristãs, celtas, anglo-saxãs, entre outras. O segundo seria o “Método comparativo interno”, onde devemos buscar dentro da própria região de produção das sagas elementos que possam dialogar com tais fontes, como estudos arqueológicos, estudos rúnicos (“inscrições em pedra e madeira representam o melhor *corpus* de fontes sobre história política, social e econômica da Escandinávia da Era *Viking*,

¹⁹ Estudos mais atuais, produzidos nos últimos 40 anos, acerca do período Viking (LANGER, 2009b, p. 6).

além de representar elementos preciosos sobre literatura, linguagem, arte e poesia.”) (LANGER, 2009b, p.8). Neste método também devemos buscar mudanças de religiosidade, alterações nas formas de governo e dimensões da ordem da autoridade na região. Por último, temos o método da “Oralidade”, no qual se busca analisar o papel da oralidade na criação das sagas, buscando perceber também elementos da tradição oral na escrita de tais fontes. Estes métodos são fundamentais para analisarmos as sagas, nas abordagens críticas acerca dessas fontes. (LANGER, 2009b, pp.6-11)

Podemos afirmar, baseados em diversos estudos produzidos nas últimas décadas, que as sagas são *corpus* discursivos feitos em prosa e viáveis para um estudo da sociedade em que está inserida, assim como podemos observar elementos históricos apresentadas em tais escritos, como afirma Langer:

As sagas islandesas podem efetivamente servir como fonte histórica para o historiador, pois refletem a sociedade de sua época, sendo um ‘sujeito cultural’ que possui um papel (inconsciente ou não) de transmitir informações sobre sua geração (BRAGANÇA JÚNIOR, 2002, p. 2). Mas os pesquisadores devem estar atentos ao tipo de abordagem que pretendem utilizar para as narrativas literárias, pois não existia entre elas uma distinção clara entre história e ficção no sentido moderno (LÖNNROTH, 2003, p.1) e mesmo nas fontes ditas historiográficas, os eventos estão ligados a lendas (WÜRTH, 2007, p.155)[...] Sem sombra de dúvida, as sagas islandesas constituem uma das mais importantes fontes para os futuros estudos sobre Sociedade, História e Literatura não somente da Escandinávia, mas também para repensarmos a própria Europa medieval e os métodos e teorias criadas pelos acadêmicos para realizar estas investigações (LANGER, 2009b, p.11-12).

1.2 Cultura material e imaginário nórdico na América

Em um determinado momento do estudo acerca do percurso do imaginário nórdico na América, torna-se perceptível que a simples utilização das sagas islandesas já não era o bastante para satisfazer os anseios legitimadores dos polímatas do século XIX. Nesse contexto, a incipiente ciência arqueológica parecia oferecer os suportes necessários para se encontrar os objetos que justificariam as teorias acerca da presença de escandinavos na América. Pois qualquer vestígio material de origem nórdica achado no Continente (obviamente, que remontasse ao período relatado nas Sagas) seria mais antigo, até mesmo, do que as primeiras transcrições efetuadas na Islândia sobre os eventos ocorridos no século X. Desse modo, o poder legitimador estabelecido nesses achados seria inigualável.

Assim, segundo Granato e Rangel, é necessário ressaltar a capacidade que estes elementos materiais têm de vencer as barreiras do espaço e do tempo: vencem o tempo,

porque perduram para além da sua época, e os espaços, porque muitas vezes ultrapassam as fronteiras de seus locais de origem (GRANATO; RANGEL, 2009, p. 1).

Nesse sentido, os estudiosos da presença nórdica, no século XIX, apostavam na hipótese de um período extenso de ocupação do território americano por parte dos escandinavos. Extenso o bastante para que esse povo tenha produzido uma quantidade relevante de cultura material e que parte do que foi produzido tenha ficado “perdida” no Continente, sendo passível assim de ser encontrada.

Este crescente anseio por vestígios arqueológicos levou a uma deliberada série de afirmações sobre os achados que surgiam ao longo dos anos. Tudo poderia ser considerado como cultura material deixada pelos povos escandinavos. E a consequência maior dessas afirmações é a atual caracterização desses achados como mitos arqueológicos.

Segundo Langer, os “mitos arqueológicos”, que, quase em sua totalidade, são formas de narrações fantasiosas e geralmente estão presentes em torno da cultura material de um determinado território, também relacionados com as apropriações simbólicas do mesmo e suas utilizações políticas por parte do respectivo imaginário, foram criados com a intenção de servir como um suporte ideológico de muitas nações modernas, para, então, legitimar a ocupação, o povoamento, a colonização ou a fixação de grupos sociais por um determinado período de tempo no território em questão (LANGER, 2012, p. 3).

Como exemplos mais famosos, e difundidos, de “mitos arqueológicos” presentes no imaginário da sociedade contemporânea, citam-se as cidades perdidas (Atlântida), as civilizações desaparecidas (Olmecas), tesouros ocultos (*Eldorado*), fraudes epigráficas (Fenícios no continente americano) e vestígios da presença europeia na América antes das viagens de descobertas empreendidas, primariamente, pelos países ibéricos, no fim do século XV, e a decorrente colonização europeia que foi posta em prática no Continente. Esses exemplos ocuparam funções política e estratégica fundamentais durante o século XIX e o começo do século XX, especialmente quando ligados à relação cultura e território (LANGER, 1997a, p. 117-121).

Ainda nesse sentido, Bronislaw Baczko afirma que, para legitimar suas aspirações, os grupos sociais muitas vezes utilizam de suportes de difícil verificação, como os mitos do sagrado ou, no caso deste trabalho, nos “mitos arqueológicos”, para garantir a coesão social, apelando para as técnicas de argumentação e persuasão a fim de se atingir o sistema emocional desse *corpus* social, vinculando então esse sistema, posteriormente, às instituições dessa mesma sociedade (BACZKO, 1985, p. 300).

Levando-se em conta, então, a apropriação deliberada da cultura material como fator legitimador da hipótese da presença nórdica na América, denunciada por Langer, pode-se afirmar que o anseio por essa coleta de vestígios estaria diretamente ligado à rede de aparatos ideológicos de que a sociedade dispõe, pois, no momento em que remete ao imaginário social, ou seja, à construção de um sentido homogeneizador ou a uma representação como “identidade nacional”, simultaneamente também se produz uma imagem de pertença ou, em outras palavras, um sentido uniformizador e cristalizador à ideia de povo, de nação, de cultura e de história (BORGES In: GRANATO; RANGEL, 2009, p. 360).

Essas afirmações se apresentarão de forma muito mais clara na primeira parte do capítulo seguinte, onde serão melhor analisadas, em determinado momento, a grande intenção do autor Rasmus Andersson ao publicar sua obra mais famosa, em 1874, *America not discovered by Columbus*. E, em seguida, as consequências das ideias contidas nesse livro, quando as mesmas são difundidas nos Estados Unidos da época. Pois, como afirma Jacques Le Goff (1994, p. 17), “estudar o imaginário de uma sociedade é ir ao fundo da sua consciência e da sua evolução histórica”.

Evolução essa que nem sempre é representada pela ideia de avanço. Algo que é muito perceptível no percurso do imaginário nórdico na sociedade científica norte-americana, onde antigas ideias já refutadas, quase sempre relacionadas aos “mitos arqueológicos”, eram retomadas anos mais tarde, não mais com a intenção de afirmá-las como verdades ou fatos, mas sim com a finalidade de maturá-las no imaginário coletivo. Era muito mais importante que o passado nórdico dos Estados Unidos fosse uma “constatação” aceita e difundida no País, e para que isso ocorresse não foram medidos esforços para que seus fatos fossem verificados. Nesse caso, a evolução significava cristalização.

Nesse sentido, sobre as alegadas origens escandinavas da sociedade norte-americana, Langer faz a seguinte afirmação:

A noção de identidade é fabricada por um referencial onde a herança mediterrânica é a mais interessante, porque é "civilizada", construiu monumentos importantes e realizou-se feitos memoráveis, preservados através da escrita em pedra. A sociedade atual constrói uma imagem digna de júbilo, através da recordação de seu empolgante passado [...]escandinavo. Uma opção que não existe na "antiquada e primitiva" herança indígena das Américas. (LANGER, 2002, p. 9).

Ironicamente, parte dos “importantes monumentos” encontrados nos Estados Unidos e que foram utilizados para legitimar a presença nórdica em tal território, era de

origem indígena, como será possível observar em determinadas partes dos próximos capítulos deste trabalho.

2 O IMAGINÁRIO NÓRDICO NA AMÉRICA

Podemos pensar o imaginário nórdico na América como o conjunto de obras (livros de cunho acadêmico e um filme) publicadas/lançadas nos Estados Unidos e/ou na Europa, ao longo de um século (mais precisamente entre as décadas de 1830 e 1920), que tinham como finalidade por em evidência a hipótese da presença nórdica não somente na Groenlândia, mas também em território continental da América do Norte. Assim as compreendemos também pelo fato de que os primeiros vestígios dessa presença no Canadá só foram encontrados na década de 1960, conseqüentemente, conferindo a essas obras um caráter especulativo, mesmo àquelas que reconheciam os assentamentos groenlandeses como a primordial presença de um povo escandinavo em continente americano.

Munindo-se dessas informações, partiremos nesse momento para a apreensão do percurso do imaginário nórdico ao longo do período aqui já delimitado.

2.1 Percurso inicial: 1837 - 1883

Em 1837, o estudioso dinamarquês Carl Christian Rafn publicou sua obra intitulada *Antiquitates Americana*, na qual, pela primeira vez, era levantada a teoria de que os *vikings* teriam sido os primeiros europeus a descobrir e, eventualmente, colonizar, de forma inicial, um território americano, denominado pelos mesmos como *Vinland*, dando início assim ao fenômeno do “imaginário nórdico” (LANGER, 2012, p. 3-4). Em determinada parte dessa obra, Rafn, baseando-se, primeiramente, em conclusões tomadas a partir de estudos realizados acerca dos conteúdos presentes nas Sagas Islandesas e, secundariamente, em alguns “monumentos e inscrições”²⁰ encontrados nos Estados Unidos, afirma que, possivelmente, escandinavos tenham se instalado numa faixa de terra litorânea que se estenderia da costa leste do atual Canadá, até mesmo, à costa leste da América do Sul, passando por vários estados americanos, como Rhode Island e Virginia (RAFN, 1840, p. 206). Tais ideias presentes na obra ganharam razoável notoriedade tanto na América quanto na Europa, ao ponto de serem traduzidas para vários idiomas.

Oito anos após a publicação de *Antiquitates Americana*, ou seja, em 1845, é publicada, nos Estados Unidos, a obra *Discovery of New England by the northmen five*

²⁰ Para mais informações acerca de um desses monumentos, ver: LONGFELLOW, Henry Wadsworth. The skeleton in armor, 1841. Disponível em: **Norse Ballads of Henry Longfellow**: <<http://www.pitt.edu/~dash/longfellow.html#skeleton>>. Acesso em: 21 mai. 2013.

hundred years before Columbus pelo historiador Asahel Davis. Este estudo põe em evidência novamente as hipóteses levantadas por Rafn, porém enfatizando ainda mais a ideia da presença nórdica na região da Nova Inglaterra e adicionando novas informações decorrentes de pesquisas que foram realizadas em várias partes do continente americano no período que sucedeu a publicação do autor dinamarquês, inclusive citando estudos efetuados no Brasil (LANGER, 2012, p. 7).

A teoria acerca da presença nórdica na América ficaria esquecida até 1868, ano em que ocorre a publicação, também nos Estados Unidos, da obra intitulada *The pre-Columbian discovery of America by the Northmen: illustrated by translations from the Icelandic sagas*, de Benjamin Franklin De Costa. Nela são apresentadas traduções mais completas, para o inglês, das sagas islandesas que referenciam a descoberta da América, porém, o autor identificou apenas a região do Cabo Cod, localizada no Estado americano de Massachusetts, como sendo as terras descritas nessas sagas, e que são comumente chamadas de *Vinland*. Entretanto, essa tentativa, por parte do autor, de limitar *Vinland* à região do Cabo Codo pode explicar porquê o livro pareceu não se tornar muito popular no País, na época de sua publicação.

Contudo, as afirmações contidas na obra de De Costa serviram para “preparar o terreno” para uma ideia mais “universal” que surgiria em 1874, ano da publicação, novamente nos Estados Unidos, daquela que seria a primeira edição de *America not discovered by Columbus: an historical sketch of the discovery of America by the norsemen in Tenth Century*, cujo autor era Rasmus Anderson. A obra de Anderson, ajudou a popularizar a, agora familiar, ideia de que os Vikings haviam sido os primeiros europeus a descobrir a América. Além disso, o autor foi um dos criadores do movimento, que se alastrou pelos Estados Unidos, que visava honrar, com o decreto de um feriado²¹, o explorador Leif Ericsson, considerado o primeiro europeu a aportar no Continente. Evidenciando assim a peculiaridade do imaginário social americano da época, onde não se limitavam territórios aonde os *vikings* poderiam ter ocupado. Para aquela sociedade os nórdicos poderiam ter povoado qualquer localidade dos Estados Unidos (LANGER, 2012, p. 10).

Uma quinta obra poderia ainda ser citada aqui: *Découverte de l'Amérique par les Normands au Xe siècle*, do francês Gabriel Gravier, publicada em 1874. No entanto, fatores como, o livro ter sido publicado no mesmo ano de publicação da obra de Anderson, apresentar, praticamente, o mesmo conteúdo das obras anteriores, a utilização do termo

²¹ O *Leif Erikson Day* foi decretado como feriado estadual no Wisconsin no ano de 1930 e em 1964 tornou-se feriado nacional (LANGER, 2012, p. 10).

normando, por Gravier, para definir o povo que descobriu a América, podem, em parte, explicar por quais razões o livro do autor francês foi preterido em relação ao de Anderson.

É inegável que, com a publicação da obra de Anderson, o interesse de certos estudiosos acerca do tema veio a reavivar-se para um estado que se caracterizou por ser de intensa busca, cujo fim era se definir os reais fatos da presença nórdica na América.

Novas pesquisas passaram então a ser realizadas, principalmente na Europa, a fim de se checar a veracidade dos fatos relatados nas sagas, bem como se chegar a conclusões quanto à extensão do território americano que de fato foi explorado pelos nórdicos e quanto à autenticidade dos supostos vestígios arqueológicos que eram apresentados com a finalidade de legitimar os relatos e os resultados das pesquisas efetuadas pelos primeiros estudiosos.

Um ano após a publicação de *America not discovered by Columbus*, ou seja, em 1875, o Congresso Internacional de Americanistas é então inaugurado na cidade de Nancy, na França, onde o pesquisador francês Eugène Beauvois foi o responsável por expor as novas conclusões acerca da hipótese de que Colombo não teria sido o primeiro europeu a navegar até a América (BEAUVOIS, 1875, p. 5). No trabalho intitulado *La découverte du Nouveau Monde par les irlandais et les premières traces du Christianisme em Amérique avant l'an 1000*, o autor explora essa hipótese ao afirmar que não teriam sido os vikings os verdadeiros pioneiros no descobrimento da América, mas sim os Irlandeses e outros povos de origem celta que, segundo ele, teriam, inclusive, fundado uma vila, cujo nome seria *Hvítramannaland* (traduzido para o inglês como White Men's Land, ou terra dos homens brancos²²), na região do Rio de St. Lawrence, na fronteira da costa leste entre os Estados Unidos e o Canadá (LØFFLER, 1884, p. 71).

Tais afirmações de Beauvois permaneceriam indiscutíveis até 1883, ano no qual ocorreu a quinta edição do Congresso, em Copenhague, na Dinamarca.

2.2 1883: O 5º Congresso Internacional de Americanistas

²² No *Landnámabók*, ou livro dos assentamentos, fonte escrita de mesma natureza que as Sagas, é dito que a terra dos homens brancos é também conhecida como Grande Irlanda e teria sido visitada, aparentemente após a descoberta de *Vinland*, por Ari Marsson, que, pela genealogia de sua família, seria primo, de grau ainda impreciso, de Leif Ericsson, o primeiro europeu a alcançar as terras do atual Canadá. Nesse mesmo livro é dito que a Grande Irlanda ficaria a uma distância de 6 dias de viagens partindo-se da Irlanda (ANÔNIMO, 1972, p. 61). A localização, e até a existência, de tal terra ainda permanece indefinida, devido também às descrições de seu relevo serem muito vagas. Entretanto, não é possível afirmar que Beauvois teve contato com tal fonte.

O Congresso Internacional de Americanistas é hoje o mais longevo encontro científico e multidisciplinar cujo objeto de estudos é o Continente Americano²³. Tendo iniciado seus encontros no ano de 1875 em Nancy, na França, o evento proporciona discussões sobre vários campos de estudos relacionados à América e por entre estudiosos de diversos países. Inicialmente, o Congresso era voltado para os proeminentes pesquisadores das “ciências naturais” das principais nações produtoras de conhecimento dos continentes americano e europeu à época. Hoje, os assuntos tratados no Congresso abrangem diferentes campos do conhecimento, como Antropologia, Direito e Tecnologia, com os objetivos imediatos de “contribuir para o progresso dos estudos etnográficos, linguísticos e históricos das Américas, especialmente para os tempos antes de Colombo, e destacar aqueles pesquisadores que estão interessados nesses estudos”²⁴.

Por mais que a finalidade imediata do evento fosse pensar aspectos das “sociedades nativas” que aqui viviam antes do “descobrimento de Colombo”, logo na primeira edição do encontro, como mostrado anteriormente, a hipótese de que o navegador genovês não teria sido o primeiro europeu a alcançar este Continente foi evidenciada.

Desse modo, definir Copenhague como sede do Congresso de 1883 significava mais do que uma simples escolha espacial. Nas primeiras edições desses encontros, talvez por uma questão de deslocamento até o local onde ocorreriam, os países-sede sempre compareciam com a delegação de maior número de pesquisadores, o que não foi diferente com a Dinamarca. Desse modo, a realização do evento em tal país significava reconhecer o papel do mesmo como agente colonizador na América antes da chegada de Cristóvão Colombo. Além disso, as discussões estariam mais voltadas aos estudiosos dinamarqueses, tanto por causa da recolonização da Groenlândia, e os consequentes achados arqueológicos que a mesma proporcionou, quanto pelo maior rigor que esses pesquisadores passaram a empregar na utilização das Sagas Islandesas como fontes históricas.

Não seria leviano afirmar que o prestígio que recaía sobre Beauvois, principalmente devido a publicação de seu estudo no Congresso de 1875, só tenha aumentado até 1883, tanto que o mesmo veio a ocupar o posto de vice-presidente do encontro daquele ano. Segundo seus contemporâneos, Beauvois tinha estudado cuidadosamente as Sagas Islandesas, consideração essa que foi inclusive externada durante a sessão de inauguração daquele evento. Mas o mais curioso era que, tais sagas, utilizadas pelo pesquisador francês

²³ Segundo seu próprio site: <<http://ica2012.univie.ac.at/index.php?id=72965>>. Acesso em: 21 mai. 2013.

²⁴ As traduções contidas nessa monografia são todas traduções livres feitas pelo próprio autor. Ver passagem original no menu *History* em: <<http://ica2012.univie.ac.at>>. Acesso em: 21 mai. 2013.

para compor sua teoria de que os Irlandeses tinham sido os primeiros europeus na América, não oferecem nenhum subsídio para se pensar que esse povo tenha descoberto o território continental norte-americano antes de qualquer outro povo²⁵, muito menos que tenham fundado uma vila naquela região.

2.2.1 A análise crítica de Ernst Løffler

Foi nesse sentido, de repensar a forma como as informações contidas nas Sagas estavam sendo utilizadas, que o geógrafo dinamarquês Ernst Løffler²⁶ pautou sua fala, durante a primeira sessão extraordinária do Congresso, que seria transcrita e conseqüentemente intitulada como *The Vineland-excursions of the ancient Scandinavians*. Notando, nas obras acerca do descobrimento da América pelos nórdicos, que as informações difundidas estavam se distanciando cada vez mais do “real conteúdo das sagas”, principalmente depois de encontrados os supostos monumentos e inscrições que seriam vestígios desses eventos, Løffler pensou por necessário começar sua fala recontando os fatos do “descobrimento” utilizando somente as informações contidas naqueles documentos. Talvez, também por achar que os mesmos estavam sendo referenciados de maneira errônea, pois estavam sendo utilizados para legitimar certas afirmações que não possuíam fundamento, pelo menos não nas sagas, onde era possível se observar que, apesar de suas narrativas conterem algumas mínimas divergências, todas davam conta de que nórdicos provenientes da Groenlândia seriam os primeiros europeus a descobrir a costa leste do território continental americano.

Ainda na parte inicial de sua conferência, Løffler parece reconhecer esse problema ao afirmar, antes de começar a reproduzir os relatos contidos nas sagas, o seguinte:

A maior parte do que vou relatar aqui, podemos tomar como certo a ser conhecido pelos historiadores e arqueólogos escandinavos. [...] porém, os cientistas estrangeiros podem menos facilmente aproveitar-se das fontes originais, as antigas sagas, e [...] o conhecimento dos estrangeiros da descoberta da América antes de Colombo, especialmente as excursões à Vineland pelos escandinavos, deve ter por base uma obra de idade: "Antiquitates Americanae" (LØFFLER, 1884, p. 64).

²⁵ Entretanto, é necessário afirmar que, muito provavelmente, parte da população Groenlandesa nos séculos X e XI fossem originários da ilha da Irlanda e que, conseqüentemente, tenham, de algum modo, participado das expedições de Leif Ericsson quando o mesmo se dirigiu à costa do atual Canadá. Para mais detalhes, ver: UMBRICH, Andrew. **Early Religious Practice in Norse Greenland: From the Period of Settlement to the 12th Century**. [Reykjavík]: Universidade da Islândia, 2012, p. 44-45. Disponível em: <http://etheses.dur.ac.uk/286/1/Thesis_May_2010.pdf>. Acesso em: 24 mai. 2013.

²⁶ Ver: GARBOE, Axel. Ernst Løffler (1835—1911): Den første professor i geografi ved Københavns Universitet Et bidrag til belysning af hans slægtsbaggrund, udvikling og livsværk. Copenhagen: **Geografisk Tidsskrift**, v. 63, 1964. Disponível em: <http://img.kb.dk/tidsskriftdk/pdf/gto/gto_0063-PDF/gto_0063_70803.pdf>. Acesso em: 24 mai. 2013.

Ou seja, indiretamente, ele evidencia aos outros conferencistas que os estudos publicados por autores estrangeiros, até aquele momento, dificilmente envolveram pesquisas “em cima” das fontes originais, talvez devido às dificuldades que, na época, eram proporcionadas pelas grandes distâncias. E ao mesmo tempo em que faz essa afirmação, ele também relembra que esses estudos podem, na verdade, ter sido baseados na obra de Rafn que, para Løffler, apesar de conter uma forma resumida dos relatos presentes nas sagas, já se encontrava ultrapassada.

Posteriormente ao ato de relatar os fatos contidos nas sagas, Løffler então faz menção à obra intitulada *A History of the United States, from the discovery of the American continent to the present time*, do, considerado pelo dinamarquês como “famoso”, historiador americano George Bancroft (LØFFLER, 1884, p. 67). Neste livro, publicado em 1834, ou seja, antes mesmo de *Antiqvitates Americana*, Bancroft afirma que os relatos presentes nas sagas, que passaram a ser difundidos pelos próprios islandeses no início do século XVII, compunham:

[...] uma narrativa, tradicional em sua forma e obscura em seu significado, [...] de antiguidade indubitável. Os detalhes geográficos são tão vagos que não podem nem mesmo manter uma suposição, os relatos sobre a amenidade do inverno e a fertilidade da natureza em climas que foram visitados, são, em qualquer hipótese, fictícios ou exagerados (BANCROFT, 1834, p. 6).

Além disso, Bancroft ainda complementa seu discurso ao afirmar que a difusão dessas sagas apenas após o “descobrimento da América por Colombo” não passaria de uma mera expressão do orgulho Islandês, apesar dele próprio considerar a antiguidade das mesmas como “indubitável” (BANCROFT, 1834, p. 5).

Aparentemente, frente a essa necessidade do pesquisador dinamarquês em fazer essa citação, infere-se que essas afirmações estavam ainda sendo utilizadas como contra-argumento por aqueles que defendiam o pioneirismo ibérico no “descobrimento da América” e que, conseqüentemente, consideravam como mitos os relatos contidos nas Sagas Islandesas. Além disso, Bancroft ainda se encontrava vivo quando da conferência de Løffler, possivelmente defendendo veementemente suas afirmações contidas nesse livro.

O pesquisador dinamarquês não iria citar tal autor e sua obra para concordar com o que era afirmado. Desse modo, ele criticaria o discurso de Bancroft ao argumentar que:

[...] Se os escandinavos em seus navios abertos (algo como os barcos do norte da Noruega) poderiam navegar para a Islândia, e de lá para a Groenlândia, que é um fato fundado não só sobre os relatos das sagas, mas também sobre os monumentos e antiguidades que lá foram encontrados, [...] parece-me que a dúvida do Sr. Bancroft

é totalmente ilícita. [...] Eu considero as visitas dos escandinavos para estes países [Islândia e Groenlândia] como indiscutível (LØFFLER, 1884, p. 67-68).

Løffler cita aqui uma constatação que parece ter sido ignorada pelo historiador americano: vestígios dos antigos assentamentos *vikings*, presentes nas sagas, que foram encontrados na Groenlândia durante o período de recolonização da Ilha pela Dinamarca, que começara no início do século XVIII (ARNEBORG, 2012, p. 588). Já se fazia mais de um século desde que o Reino Dinamarquês havia autorizado a reocupação da Ilha juntamente com a possibilidade de expedições arqueológicas serem lá realizadas, e, à medida que os anos foram passando, cada vez mais ruínas de antigas construções mencionadas nas sagas foram sendo encontradas. Se essas ruínas legitimavam as narrativas referentes à Groenlândia, com certeza também respaldavam aquelas que davam conta da viagem dos *vikings* ao território continental da América. Para Løffler, não havia mais como questionar esse fato.

Quanto à obra de Rafn, Løffler, em sua fala, oferece alguns motivos para considerá-la ultrapassada. Primeiramente, ele expõe suas conclusões acerca de dois dos “monumentos e inscrições” citados pelo autor de *Antiquitates Americana*, nomeadamente a Rocha de Dighton e a Igreja de Newport. Tais achados, considerados por Rafn como vestígios da colonização nórdica, eram localizados nos Estados americanos de Massachusetts e Rhode Island, respectivamente. O primeiro caracteriza-se como uma grande rocha que possui uma de suas faces quase que totalmente coberta por inscrições, como pode ser observado no “ANEXO C”. Já o segundo seriam ruínas de uma antiga construção. Rafn nunca esteve nos Estados Unidos, mas através de correspondências com Thomas Webb, secretário da sociedade história de Rhode Island, ele chegou à conclusão de que esses achados seriam uma runa²⁷ e os restos de uma igreja, respectivamente, e ambos seriam obras dos nórdicos que colonizaram as respectivas regiões antes da viagem de Colombo (LANGER, 2012, p. 6). Løffler também nunca esteve nos Estados Unidos, mas uma carta enviada em 1878 pelo renomado arqueólogo dinamarquês Jens Worsaae²⁸ para o arqueólogo belga, mas radicado nos Estados Unidos, Charles Rau, que apresentava as conclusões do primeiro acerca da Rocha, e uma fotografia da própria, convenceram-no de que a mesma tinha origem indígena. Já a suposta Igreja de Newport, tratava-se do porão de um antigo moinho de vento, no qual

²⁷ Langer define as runas como um monumento megalítico dos povos escandinavos, geralmente constituído por um *menir* (bloco de rocha erigido vertical e artificialmente, por mãos humanas, obviamente) que no caso de apresentarem inscrições elas devem ser formadas por caracteres de uma das variações do alfabeto rúnico *Futhark* (LANGER, 2003, p. 95).

²⁸ Ver: ENCYCLOPAEDIA BRITANNICA. **Jens Jacob Asmussen Worsaae**. Disponível em: <<http://www.britannica.com/EBchecked/topic/649184/Jens-Jacob-Asmussen-Worsaae>>. Acesso em: 27 mai. 2013.

sua origem remonta ao período de colonização britânica (Løffler referencia novamente Charles Rau²⁹ aqui, cuja obra que continha tal informação era intitulada *Observations on the Dighton-Rock inscription*, de 1878) (LØFFLER, 1884, p. 70-71). Nesse sentido, Løffler afirma:

[...] Eu não tenho razões para declarar que quaisquer monumentos ou vestígios que foram encontrados na costa atlântica do continente norte-americano podem, com certeza, ser referenciados aos antigos escandinavos. Eu até arrisco a afirmar que não parece muito provável que tal será descoberto no futuro, pois, tanto quanto posso julgar, os escandinavos não tiveram nenhum tipo, naqueles tempos remotos, de colônias fundadas em Vineland [...] (LØFFLER, 1884, p. 71).

Aqui é apresentada uma outra crítica de Løffler direcionada às conclusões de Rafn, pois este último acreditava que os *vikings* presentes na América teriam assumido um papel de agentes colonizadores. Sobre essa visão de Rafn, Løffler claramente discorda e apresenta suas razões, como é possível se observar na seguinte afirmação:

[...] os escandinavos [...] fizeram apenas visitas mais curtas ou mais longas. Desde a publicação de "Antiquitates Americane", colônias transatlânticas escandinavas foram mencionadas tanto no nosso próprio país como na literatura estrangeira, mas eu tenho procurado nas sagas em vão por informações que possam confirmar a existência de tal [colônia na América]. Enquanto a Islândia foi colonizada, mesmo muito mal, e também partes da Groenlândia, as sagas apenas mencionam viagens para a América, especialmente para Vineland, reconhecimento da costa litorânea e jornadas de vários anos, mas elas não mencionam qualquer assentamento real [em território continental]. [...] Eu não tenho sido capaz de encontrar qualquer informação sobre a existência de colonos escandinavos [em território continental americano] [...] (LØFFLER, 1884, p. 71).

Para finalizar sua conferência, Løffler praticamente repete essa mesma crítica, porém agora direcionada à obra de Beauvois, ao se lembrar das informações contidas nos estudos do mesmo. Entretanto, o faz de uma maneira mais cuidadosa. Talvez um pouco receoso, porque o próprio pesquisador francês se fazia presente naquela conferência, ocupando o posto de vice-presidente do Congresso, como já relatado. Desse modo, ele o faz da seguinte forma:

[...] Eu não me atreveria a negar que uma colônia irlandesa foi fundada por volta do ano 1000 na misteriosa vitramannaland (de acordo com Beauvois, as regiões ao redor do Rio St. Lawrence), [...], mas se tivermos que referir-nos aos relatos das sagas – e não podemos nos referir a nada mais - então eu acredito que devemos abandonar a ideia de colônias escandinavas em Vineland (LØFFLER, 1884, p. 71-2).

²⁹ Ver: SMITHSONIAN INSTITUTION ARCHIVES. **SIA RU007070, Rau, Charles 1826-1887, Charles Rau Papers, 1859-1886**. Disponível em: < http://siarchives.si.edu/collections/siris_arc_217228>. Acesso em: 27 mai. 2013.

A contribuição de Løffler para os estudos que viriam a ser efetuados acerca da presença nórdica em território continental norte-americano, poderia ser resumida na seguinte passagem de sua fala:

Em parte acidentalmente e em parte pelo prazer da descoberta e do reconhecimento, os colonos da Groenlândia encontraram seu caminho para Vineland, e por um longo período fizeram viagens para lá para adquirir madeira e outros suprimentos - isto é indiscutível -, mas certamente é necessário adicionar que isso não nos autoriza a falar de colonização (LØFFLER, 1884, p. 72).

2.2.2 A Groenlândia retorna à América

Mais tarde, naquela mesma sessão, mais um pesquisador dinamarquês faria um discurso. Este era o historiador Knud Steenstrup, cuja fala no Congresso seria transcrita sob o título *The old Scandinavian ruins in the district of Julianehaab, South Greenland*, no qual o autor apresenta fotografias e esquemas de algumas ruínas de igrejas erguidas pelos primeiros nórdicos que lá se assentaram, por volta do ano de 986. Ruínas essas que passaram a ser encontradas na Groenlândia a partir da recolonização da Ilha, por parte da Dinamarca, no início do século XVIII, mais precisamente no ano de 1721, com as primeiras missões efetuadas pelo missionário escandinavo Hans Egede, na qual um dos objetivos era retomar contato com os nórdicos lá residentes (STEENSTRUP, 1884, p. 109).

É importante ressaltar que por pelo menos dois séculos após as expedições ibéricas de “descobrimento da América”, a Groenlândia manteve-se à parte do interesse das nações que eventualmente vieram a perpetrar tentativas de colonizações no segmento norte do continente americano. Preconcepções acerca do destino dos antigos assentamentos vikings na Ilha, que, como citado, até o começo do século XVIII eram de conhecimento apenas das populações nórdicas e de alguns pouquíssimos outros europeus que tiveram contato com os escritos de Adão de Bremen, fizeram com que os próprios países escandinavos que buscaram seguir essa nova onda de “descobrimientos”, particularmente Dinamarca e Suécia, se dirigissem mais ao Caribe do que para as antigas, porém conhecidas, colônias mais ao Norte que há muito tempo havia se perdido contato. A mais proeminente dessas concepções era a afirmação de que os assentamentos groenlandeses mantiveram-se pelo menos com as mesmas extensões e com o mesmo nível de atividade alcançado no fim do século XV por parte de sua população, apesar dos contatos terem cessado pouco tempo depois (STEENSTRUP, 1884, p. 109). Entretanto, as ruínas encontradas nas primeiras missões de reexploração da Ilha e a ausência de habitantes cujas características se assemelhassem às dos povos escandinavos logo denunciaram que o destino dos assentamentos não havia sido aquele que era imaginado na

Escandinávia (ARNEBORG, 2012, p. 588). Os antigos locais de assentamento eram agora habitados por populações de Inuítes, um povo da nação esquimó que originalmente habitava a extremidade norte do território continental americano, tidos como um dos possíveis causadores do fracasso da colonização da Groenlândia, ao se conflitarem com os nórdicos residentes (DIAMOND, 2005, p. 261).

A partir dessa constatação e da consequente recolonização da Ilha pela Dinamarca, e em parte pela Noruega, a Groenlândia foi se “distanciando” cada vez mais da América, afirmação que se torna evidente ao se ler as obras referenciadas neste artigo. Em *Antiquitates Americana* é possível ler uma passagem onde Rafn (1840, p. 203) afirma que os vikings, depois de se lançarem ao mar em busca de novas terras, “[...] descobrirão, e ocuparão sucessivamente a Islandia no século 9.º, a Groenlandia no 10.º, e depois infinitas ilhas e costas da America no fim do 10º século, e no principio do 11.º”.

Já Davis (1845, p. 13) afirma, baseando-se em informações contidas nas Sagas que “Thorfin desposou Gudrida, viúva de Thorstein, o terceiro filho de Eric. Ela acompanhou seu marido para Vinland. Snorre, seu filho, foi a primeira criança branca nascida na América [...]”, ignorando assim aqueles que eventualmente nasceram na Groenlândia nos, aproximadamente, 20 anos anteriores ao nascimento de Snorre em *Vinland*.

Parecido com o modo que Rafn afirma em sua obra, Anderson (1874, p. 35) conclui que “a descoberta da Groenlândia era uma consequência natural do assentamento na Islândia, assim como a descoberta da América, depois foi uma consequência natural do assentamento da Groenlândia [...]”. Em linhas gerais, os relatos das duas descobertas descrevem eventos muito semelhantes: acidentalmente um navegador sai de sua rota, avista terras desconhecidas, mas decide não explorá-las, depois retorna para seu curso correto, aportando na localidade desejada, onde lá difunde os achados para, posteriormente, outra pessoa se encarregar de encontrá-la novamente e fundar um assentamento nas mesmas (ANÔNIMO, 1906, p. 15-25). Entretanto, as motivações, que levaram os posteriores exploradores a se lançarem ao mar visando redescobrir aquelas terras anteriormente avistadas e fundar colônias lá, eram completamente diferentes, não deixando margem para se pensar que um descobrimento foi uma “consequência natural” de outro.

Até mesmo Løffler (1884, p. 71), que apresentou uma série de contribuições para a teoria do pioneirismo nórdico em seu trabalho, considerava a Groenlândia como um território não pertencente à América, como já reproduzido anteriormente: “[...] Enquanto a Islândia foi colonizada, mesmo muito mal, e também partes da Groenlândia, as sagas apenas mencionam viagens para a América, especialmente para Vinland [...]”.

Ao falar dos vestígios de igrejas achados na Groenlândia, percebe-se que a contribuição de Steenstrup para a teoria da presença nórdica na América, na verdade, não estava presente em seu conteúdo. Somado a isso, em nenhum momento é possível observar um posicionamento acerca de se considerar ou não a Ilha como parte componente da Groenlândia em seu discurso, visto que o autor não procurou explorar tais méritos como os pesquisadores citados fizeram. Entretanto, Steenstrup abordava um aspecto que se restringia ao contexto da ocupação nórdica na Ilha, e o fazia em um Congresso cujo objetivo imediato seria de analisar estudos e conjecturas, considerados “estado da arte” para a época, que envolviam aspectos do continente americano antes da chegada de Colombo. Portanto, ao fazê-lo, pode-se inferir que, além de estar, talvez involuntariamente, “reaproximando” a Groenlândia da América, o que seria uma contribuição frente até mesmo ao discurso de Løffler. Steenstrup considerava a presença nórdica na América como algo muito maior do que uma teoria, pois esses vestígios encontrados na Groenlândia elevavam a teoria para outro nível, com, literalmente, bases concretas, tornando-se assim uma constatação, que tinha seu início no ano de 986 e veio a perdurar até o fim do século XV.

2.3 1883-1928: a consolidação do imaginário nórdico na América

O discurso de Steenstrup veio a inaugurar a linha de reflexão que considera a Groenlândia como território insular componente da América, e que observa portanto a chegada de habitantes *vikings* na Ilha como a descoberta, mesmo que inicial, da América pelos nórdicos. Linha que se mostrou, timidamente, presente na produção científica posterior ao V Congresso.

Em 1887, ou seja, apenas 4 anos após o discurso de Steenstrup é publicado em Londres, na Inglaterra, a primeira obra a empregar tal reflexão. Intitulada *The Icelandic discoverers of America; or, Honour to whom honour is due*, o livro de Marie Adelaide Brown Shipley buscava reaver àqueles nórdicos que partiram da Islândia rumo a Groenlândia a honra de serem os primeiros europeus a alcançar a América. Essa constatação mostra-se clara quando a autora, ao referenciar a vasta quantidade de fontes escritas que são as Sagas Islandesas, afirma que “entre o grande número de manuscritos escandinavos há duas sagas históricas que descrevem viagens ocidentais, levadas a cabo durante os vinte e cinco anos que se interpuseram entre 985 e 1011”, ou seja, entre a fuga de Eric, o vermelho, da Islândia e o último ano de efetiva ocupação de *Vinland* por Leif Ericsson (SHIPLEY, 1887, p. 58). Desse

modo, Leif não teria sido o primeiro europeu a desembarcar no Continente, mas sim seu pai, Eric.

Entretanto, ainda parecia estar muito viva a ideia de que territórios do atual Estados Unidos haviam sido descobertos pelos nórdicos. E tal afirmação é evidente no final do livro, quando a autora clama a todos os cidadãos da “República Americana” para que no ano de 1985 seja celebrado os 1000 anos de “descobrimto da América” por parte de seus “antepassados Islandeses”. Nesse sentido, Shipley reconhece que quase 100 anos separam a publicação de seu livro e o sonhado ano da celebração milenar, conseqüentemente, suas ideias poderiam ter caído no fosso do esquecimento no advento do ano de 1985, mas ela mesma sugere formas de se evitar que suas afirmações sejam esquecidas. Para a autora, era necessário que a sociedade norte-americana efetuasse três passos. O primeiro seria:

obviamente confirmar os fatos da descoberta Nórdica; o segundo, é fazer toda a história [das descobertas], tão miraculosamente preservada na Islândia, acessível, através da tradução e publicação, para todo o público falante da língua inglesa; o terceiro, é este mesmo público empreitar para emular o glorioso exemplo de seus antepassados. Não seria prudente prever que mais do que isso pode ser feito em uma centena de anos. Mas se menos é feito, a República Americana não estará preparada para celebrar o milenar aniversário de sua descoberta, uma vez que deve ser comemorado (SHIPLEY, 1887, p. 189-194)!

Com exceção da obra de Rasmus Anderson, já trabalhada nesta monografia, talvez nenhum outro livro tenha sido escrito com tanto engajamento para se legitimar o imaginário nórdico nos Estados Unidos quanto o de Shipley. É muito perceptível no discurso da autora que pouco importava se as viagens nórdicas teriam sido esporádicas ou se foram frequentes o bastante ao ponto de se empreender uma colonização na América do Norte. Também não importava que o que havia sido descoberto em 985 era a ilha da Groenlândia, e não territórios do atual Estados Unidos, que só seriam visitados a partir do ano 1000. O que importava era que esse passado de descobertas, proporcionados pelos islandeses do século X, não deveria ser esquecido, mas sim comemorado por todos os americanos.

Uma série de obras sobre o tema sucederam a publicação de Shipley, quase todas com conteúdos muito semelhantes aos apresentados no livro da autora inglesa, como *The finding of Wineland the Good: the history of the Icelandic discovery of America*, de Arthur Middleton Reeves, publicado também em Londres, em 1890. Tal semelhança pode ser explicada pelo pequeno intervalo de tempo entre uma publicação e outra: entre os anos de 1887 e 1921 quinze obras foram lançadas nos Estados Unidos e na Europa, com a finalidade de não se permitir que a hipótese da descoberta nórdica da América fosse esquecida. Algumas com objetivos mais específicos, como legitimar a ocupação, o povoamento, a colonização ou

a fixação de grupos sociais por um determinado período de tempo no território em questão, como já evidenciado por Langer ao se referir aos “mitos arqueológicos”. Esse teria sido o caso das obras *Watertown, the site of the ancient city of Norumbega: remarks*, também de 1890, cujo autor era o cientista norte-americano Eben Norton Horsford, e *The makers of Maine; essays and tales of early Maine history, from the first explorations to the fall of Louisberg, including the story of the Norse expeditions*, publicada em 1912, pelo cientista norte-americano Herbert Edgar Holmes. Nelas, os autores apostaram nos antigos relatos da lendária cidade de Norumbega para remontar o passado dos Estados vizinhos de Massachusetts e Maine, respectivamente, também limítrofes com o Canadá, na costa leste norte-americana.

Norumbega era um nome comum em relatos, e uma referência de igual caráter nos mapas, dos navegadores franceses que exploravam os atuais territórios do Canadá, mais precisamente a porção que hoje é chamada de Québec, durante o fim do século XVI e início do século XVII. Segundo esses mapas e relatos, a lendária cidade estaria localizada na região do Rio Penobscot, geograficamente posicionada entre as colônias francesa e inglesa (HOLMES, 1912, p. 50). A localização da cidade e a estrutura filológica de seu nome eram os argumentos utilizados pelos dois autores para conectá-la aos relatos de *Vinland*. Segundo Horsford (1890, p. 7), “Norvega é filologicamente Norbega ou Norbegia, e por isso aparece em um grande número de mapas em minha posse. [As letras] v e b são equivalentes. [Nesse sentido] Norvega na Europa tem o lugar geográfico da nossa Noruega na Europa”. Já Holmes replicou informações contidas nos trabalhos de Horsford para satisfazer a si mesmo frente a um problema que há muito o atormentava:

Onde é o local específico em que Leif Ericson desembarcou com a sua companhia e passou o inverno de 1000 - 1001? Se soubéssemos positivamente teríamos resolvido um problema que tem preocupado muito um historiador e antiquário. Provavelmente, a resposta a essa pergunta também esclarece o mistério da antiga cidade de Norumbega. Prof. E. N. Horsford, [...] de Harvard, afirmou ter definitivamente localizado o assentamento de Leif, e seus sucessores, Thorvald, Thorfin e Gudrid, sua esposa, e de ter desvendado o mistério de Norumbega, que ele resolveu com a explicação simples que era uma corrupção indígena da palavra "Norvega", aplicada a este país pelos nórdicos que a reclamavam como parte de seu país natal por direito de descoberta (HOLMES, 1890, p. 21).

É necessário afirmar, neste momento, que não há qualquer indício, nas Sagas Islandesas, da presença de um território para além da Groenlândia cuja denominação lembrasse o nome da terra originária dos povos nórdicos. Ao mesmo tempo, é no mínimo interessante a menção de uma suposta possessão nórdica, em mapas e relatos, na América

numa época anterior à divulgação das Sagas Islandesas para além da região do Atlântico Norte. Apenas quando o Reino da Dinamarca empreendeu a recolonização da Groenlândia, a partir do século XVIII, e que foram constatadas a presença de vestígios arqueológicos dos antigos assentamentos descritos nas Sagas, é que essas últimas passaram a obter maior atenção de outras nações. Desse modo, pode-se especular algum tipo de contato entre exploradores franceses e nórdicos talvez ainda no fim do século XVI, onde foi evidenciada a existência de terras visitadas pelos antigos escandinavos em região americana, mesmo que suas localizações fossem imprecisas.

Já outras obras publicadas após 1890 ainda tentavam afirmar a suposta presença de cultura material, nos Estados Unidos, deixada pelos nórdicos, como o livro *Did the Norsemen erect the Newport Round Tower*³⁰, de 1911, escrito por Barthinius Larson Wick. Nesse trabalho, Wick argumenta com veemência que o sítio arqueológico de Newport, já estudado nessa monografia, era de origem nórdica, como havia feito Rafn há quase 80 anos antes, porém essa hipótese já havia sido abandonada há pelo menos 3 décadas, como foi possível observar no discurso de Løffler. Consequentemente, a publicação de Wick não conseguiu angariar relevante atenção.

No entanto, os últimos livros publicados nesse período ofereciam ideias muito mais cautelosas e de uma forma muito menos deliberada do que os anteriores. Como é o caso de *Early Norse visits to North America, with ten plates*³¹, de William Henry Babcock, *The Norse discovery of America*³², de Andrew Fossum, *Gudrid the Fair; a tale of the discovery of America*³³, de Maurice Hewlett e *The Norse discoverers of America, the Wineland sagas*, de Geoffrey Malcolm Gathorne-Hardy, publicadas entre 1913 e 1921. Nesses livros os autores estavam mais interessados em difundir as traduções das Sagas, como antes havia insistido Shipley, a fim de consolidar o fato de que os nórdicos teriam sido os primeiros europeus a “descobrir a América”, 500 anos antes de Colombo, sem a pretensão de se definir os locais

³⁰ O sítio arqueológico da Torre de Newport, já evidenciado anteriormente, nesta monografia, pela obra de Rafn e contestada no discurso de Løffler.

³¹ Ver: BABCOCK, William Henry. **Early Norse visits to North America, with ten plates**. Washington: Smithsonian Institution, 1913. Disponível em: <<http://ia700208.us.archive.org/2/items/earlynorsenoam00babcrich/earlynorsenoam00babcrich.pdf>>. Acesso em: 01 de jun. 2013.

³² Ver: FOSSUM, Andrew. **The Norse discovery of America**. Minneapolis: Augsburg Publishing House, 1918. Disponível em: <<http://ia700303.us.archive.org/16/items/norsediscoveryof00fossuoft/norsediscoveryof00fossuoft.pdf>>. Acesso em: 01 de jun. 2013.

³³ Ver: HEWLETT, Maurice. **Gudrid the Fair; a tale of the discovery of America**. New York: Dodd, Mead and Company, Inc., 1918. Disponível em: <<http://ia600302.us.archive.org/2/items/gudridfairtaleof00hewluoft/gudridfairtaleof00hewluoft.pdf>>. Acesso em: 01 de jun. 2013.

exatos desses acontecimentos, deixando essa tarefa a cargo do imaginário da sociedade americana.

O ápice do imaginário nórdico nos Estados Unidos foi, sem dúvidas, o lançamento do filme mudo *The Viking*, de Roy William Neill, em 1928, no qual é dramatizada toda a jornada que levou Leif Ericsson a aportar em terras americanas. Ao se assistir a produção, é fácil e rapidamente identificável a grande presença de estereótipos na mesma, principalmente pelos *Vikings* estarem aparatados com os famigerados elmos de chifres ou penas e serem caracterizados como indivíduos que resolvem suas mínimas contendas com um bom e velho embate armado. Porém, nada melhor para popularizar uma narrativa do que um bom filme, mesmo na década de 20. As consequências dessa popularização, como sabemos, foram percebidas em outros âmbitos, que não só a imaginação.

3 TEORIAS ACERCA DA PRESENÇA NÓRDICA NO BRASIL

No Brasil, merecem destaque dois momentos de nossa história nos quais muitos esforços foram investidos, por parte de acadêmicos e/ou cientistas, no sentido de se confirmar uma possível passagem, ou até mesmo colonização, de nórdicos pelo País.

Primeiramente, coube ao zoólogo, e membro do IHGB, Manuel Ferreira Lagos³⁴ a tarefa de traduzir passagens da obra de Rafn, *Antiquitates Americana*, para o português, que seriam publicadas aqui no Brasil no ano de 1840, ao lançamento do Segundo Tomo da revista da referida instituição, se aproveitando um pouco da relevante atenção que, na época, essa hipótese recebeu na Europa e que estava começando a receber na América do Norte. Sobre a notoriedade que as ideias do pesquisador dinamarquês adquiriram, ele fala na primeira de suas notas de tradução:

Esta erudita e interessante Memoria, escripta originalmente em Dinamarquez, tem sido recebida com tão grande aceitação nos diversos paizes da Europa, que além de varios e justos elogios que se lhe prodigalizarão em infinitos jornaes, já mereceu ser traduzida em diversos idiomas. Como, porém, não nos conste ter apparecido até hoje tradução alguma Portugueza, e o seu objecto seja bastante interessante á America, pois trata-se de esclarecer uma época tão memoravel de sua Historia, e seu fim seja tão identico ao do nosso Instituto, apressamo-nos a traduzil-a por a julgarmos digna de ser publicada na Revista Trimensal (LAGOS In: RAFN, 1840, p. 208).

Após a publicação da obra de Rafn, porém antes da tradução da mesma para o português, os membros do IHGB chegaram, inclusive, a cogitar a possibilidade de que supostas inscrições contidas na Pedra da Gávea, cujas indicações podem ser observadas no “ANEXO D” no Rio de Janeiro, e que já eram estudadas como possíveis inscrições fenícias, fossem vestígios da presença nórdica, mais precisamente runas, em terras austrais, realizando uma expedição ao local, de onde copiaram as inscrições e as publicaram na sua Revista. E todo esse primeiro esforço parece ter sido causado pela presença de uma passagem do livro na qual Rafn, ao especular os locais por onde os *vikings* teriam passado no século X, afirma “que muitos geographos Scandinavos da idade media pareçao ter em vista a parte septentrional da costa oriental da America do Sul”, ou seja, o Brasil, como um desses possíveis territórios (LANGER, 2004, p. 22-23).

No entanto, assim como ocorreu nos Estados Unidos e na Europa, na segunda metade da década de 1840, a falta de métodos mais eficazes de verificação fez com que a hipótese fosse, aos poucos, esquecida, embora ainda tenham sido realizados outros esforços,

³⁴ Ver: PACHECO, José Fernando. Manoel Ferreira Lagos (1817-1871): Dados biográficos do segundo zoólogo do Museu Nacional. [Ivaiporã]: **Atualidades Ornitológicas**, n. 68, 1995, p. 12-14. Disponível em: <<http://www.ceo.org.br/historia/manoel.htm>>. Acesso em: 21 mai. 2013.

não muito notáveis, deve-se afirmar, por estudiosos brasileiros e estrangeiros radicados no Brasil, que receberam alguma atenção no exterior. Como foi o caso dos estudos que o pesquisador dinamarquês Peter Wilhelm Lund realizou em nosso território, contribuindo em certo grau com aquilo que era publicado pelo IHGB, e que foi citado no livro *Discovery of New England by the northmen five hundred years before Columbus*, do historiador americano Asahel Davis, publicado em 1845, obra essa já contemplada no capítulo anterior.

A hipótese acerca de uma possível visita realizada por *vikings* ao Brasil só seria retomada com maior esforço mais de 100 anos depois de realizado pelo IHGB. Coube então ao antropólogo francês, mas radicado na Argentina, Jacques de Mahieu³⁵ o empreendimento de um estudo cujo resultado foi a publicação do livro *Os Vikings no Brasil*, de 1976, onde o pesquisador apresentava suas conclusões acerca dessa hipótese.

De Mahieu, nascido na França em 1915, foi um colaboracionista do regime de Vichy, durante a Segunda Guerra Mundial, tendo, mais ao fim da guerra, se alistado na Divisão de Voluntários *Charlemagne* da Waffen-SS, constituída por franceses apoiadores do fascismo germânico. Dessa forma, não seria leviano afirmar que o francês foi influenciado pela ideologia do “racismo científico”, tão em voga na Europa da época, mas mais precisamente pela linha de pensamento expressa pelo, talvez principal, ideólogo do partido nazista Alfred Rosenberg, a partir de 1930, na publicação de *O mito do século XX*, que pregava a teoria nórdica da “raça ariana”. Assim, a “raça ariana” também englobaria as populações dos países nórdicos e bálticos, e não somente o povo germânico (MAGNOLI, 2009, p. 41). Do contato com essa teoria pode então ter surgido o interesse de Mahieu por estudar os antigos homens nórdicos, então exaltados como um dos povos originários da raça ariana. No entanto, o fim da guerra, como sabemos, não foi nada favorável aos simpatizantes do regime fascista alemão, algo que prontamente afetou o francês, obrigando-o a migrar para a Argentina peronista, então um refúgio para aqueles nazistas que temiam ser encontrados, julgados e condenados à prisão perpétua ou à pena capital por crimes cometidos contra a humanidade. E lá Mahieu deu início à sua carreira acadêmica, tendo permanecido no País, onde trabalhou como professor universitário em diferentes instituições, até sua morte, em 1990.

Durante o período entre os anos de 1972 e 1976, Mahieu fez uma série de expedições a diferentes localidades da América Latina em busca de vestígios de supostas presenças de europeus na América antes de Colombo. Dentre suas teorias estava a de que

³⁵ Uma biografia mais detalhada, porém em espanhol, está disponível em: <<http://www.jacquesdemahieu.com/index.htm>>. Acesso em: 28 jun. 2013.

cavaleiros templários do período cruzadista teriam alcançado terras mexicanas, posteriormente colonizando-as. Porém, nenhum livro seu foi alvo de tanta atenção, nem apresentou tantas supostas fontes incontestáveis como *Os Vikings no Brasil*.

Como a própria obra bem resume, Mahieu recorreu a diversos tipos de fontes para recolher evidências da presença de *Vikings* na América Latina e, mais precisamente, no Brasil. Utilizando de narrativas de clérigos espanhóis como Gaspar de Carvajal e Cristóbal de Acuña, que participaram das primeiras expedições exploradoras do rio Amazonas, nos séculos XVI e XVII, e dos relatos de viagem do pesquisador francês Charles Marie de La Condamine, que remontam à Amazônia equatorial do século XVIII, procura evidenciar a existência das mulheres guerreiras, as Amazonas, naquela região, como resquícios da cultura *viking* que foi assimilada pelos nativos. Ainda utilizando-se de relatos de outros europeus como os do cronista Antonio de Berrio, do geógrafo Theodore de Bry, o qual nunca esteve no Novo Mundo, e do aventureiro inglês Walter Raleigh, o autor define a localização do lendário reino do Paititi, também considerado Eldorado, na bacia do rio Orenoco, na fronteira entre Brasil e Venezuela. Mahieu ainda teoriza acerca do caminho percorrido pelos vikings para chegar em tal região: eles teriam aportado na costa atlântica da América do Sul e alcançado a cordilheira dos Andes através do estado do Paraná, do departamento boliviano de Santa Cruz e da região do Paraguai. O autor alega também utilizar supostas informações contidas na tradição oral para reconstituir, de maneira deliberada, os hábitos e costumes daquelas que ele denomina como "guerreiras brancas". Mahieu vai também ao Parque Nacional de Sete Cidades, no Piauí, onde argumenta que a presença dos *vikings* é evidenciada nas pinturas rupestres, consideradas por ele como runas, bem como as supostas inscrições da Pedra da Gávea, e apresentadas ao leitor por meio de várias ilustrações. Ele procurou ainda identificar registros de mapas e túmulos sagrados.

Contudo, duas observações foram mais exploradas pelo autor. A primeira seria a presença de populações indígenas, consideradas por ele "de total isolamento cultural", com traços fenotípicos europeus. Já a segunda, seria a existência de estátuas de animais que adornavam as proas dos barcos do Rio São Francisco, as carrancas, que segundo Mahieu seria mais um resquício da cultura viking no Brasil, visto que os mesmos esculpam um cabeça de dragão na extremidade posterior de seus navios. Observações essas que podem ser melhor analisadas através do "ANEXO E" e do "ANEXO F", respectivamente.

Quanto à primeira constatação do autor, ela se torna perfeitamente explicável quando lembramos que Mahieu está estudando populações indígenas brasileiras da década de 70 do século XX, além disso, se o próprio pesquisador conseguiu contato com elas, como ele

poderia pressupor que elas não estiveram passíveis de qualquer outro tipo de contato que poderia ter se estabelecido a partir da colonização ibérica iniciada mais de 4 séculos antes?

Já quanto às carrancas, segundo afirma o Doutor em Letras Jairo Luna, sabe-se que a origem de sua figura remonta a uma confluência do imaginário cristão português, principalmente dos navegadores e exploradores que empreenderam a colonização do sertão, com algumas características do imaginário africano e ameríndio (LUNA, 2007, p. 20). O caráter cristão de proteção contra os “espíritos malignos” dominadores das águas, atribuído a essas imagens, não é um aspecto citado nas narrativas nórdicas, mas fora adaptado de tradições da construção náutica do século XV, quando se enfeitavam as proas dos navios com a figura de uma virgem a fim de se afugentar os perigos do Oceano.

No final das contas, a pesquisa empreendida por Mahieu foi uma tentativa de reproduzir resultados similares aos conseguidos no Canadá no início dos anos 60, quando o casal de arqueólogos noruegueses Helge e Anne Ingstad acharam vestígios de um assentamento viking na localidade de L’Anse-aux-Meadows. No entanto, diferentemente deles, o pesquisador francês pareceu ignorar a falta de qualquer indício, nas Sagas, de que os *vikings* estiveram no Brasil (na verdade, esse foi um erro comum também no IHGB) e procurou se apoiar apenas em “achados arqueológicos” ou observações precipitadas, o que colocou suas conclusões nos mesmos domínios das ideias de alguns autores do imaginário nórdico nos Estados Unidos: o da especulação, do enganoso ou até do fraudulento.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As inscrições da Pedra da Gávea foram o principal símbolo do imaginário nórdico que, timidamente, se difundiu no País a partir da década de 1830. Por muito tempo, as dificuldades de verificação, sejam elas de ordem tecnológica ou geográfica, frente ao difícil acesso à região dos “caracteres”, foram fatores que contribuíram para a manutenção desse imaginário. Versões foram constatadas, questionadas, refutadas, mas aquela formação geológica, que parecia possuir uma intrigante face humana esculpida, permaneceu, por quase dois séculos, no cerne de pelo menos duas teorias acerca do descobrimento da América antes de Colombo.

No entanto, uma pesquisa realizada no ano 2000 por uma equipe de cientistas formada por geólogos e geofísicos da UFRJ e UERJ, auxiliada por um montanhista, parece ter eliminado qualquer chance de que as supostas inscrições sejam obras humanas. O geólogo Marco André Malmann Medeiros, da UERJ, afirma que as mesmas não passam de marcas geológicas. Segundo o pesquisador, “com as intempéries, os minérios mais sensíveis gastam e o resultado ficou com a aparência de inscrições”³⁶, conclusão essa que permanece inquestionável.

É pelo menos notável, então, a atenção que recaía sobre essas teorias e que quase sempre partia dos membros do IHGB. Para uma instituição cuja uma das diretrizes era a coleta e publicação de documentos relevantes para a história do Brasil, percebe-se a falta de maior rigor quanto à análise, e seleção para publicação, desses documentos. Por mais que, aparentemente, o Instituto tenha percebido que se tratava de conclusões de difícil verificação e/ou manutenção ao não mais veiculá-las em suas publicações, lançá-las deliberadamente para a sociedade era, de certo modo, esperar que a mesma se apropriasse desse imaginário e, de alguma forma, fizesse surgir novos dispositivos ideológicos de suporte a essas ideias.

Além disso, considerar a Pedra como uma runa seria negligenciar pelo menos dois aspectos do feito e da utilização das mesmas na cultura escandinava, erro também comum aos pesquisadores da presença nórdica nos Estados Unidos ao considerar de tal origem a Rocha de Dighton. A Pedra da Gávea, como sabemos, não é um bloco de rocha erigido artificialmente por homens. E suas inscrições não lembram em nada os caracteres, sempre formados por linhas retas, do alfabeto *Futhark*. É duvidoso de se imaginar que os

³⁶ Um repórter do jornal O Globo acompanhou a pesquisa, e a reportagem resultante pode ser acessada na íntegra em: <<http://www.cbarqueol.org.br/inside.php?area=vernoticias&id=48>>. Acesso em: 30 jun. 2013.

pesquisadores membros do IHGB não tivessem acesso a essas informações na década de 1840, visto que as runas já eram largamente estudadas na Europa.

Hoje a Pedra da Gávea é apropriada por um novo imaginário. A face humana “esculpida” na rocha seria a cabeça de um gigante que se acorda de um longo sono, evidenciada na publicidade de uma marca de *whiskys*, sendo a partir do ano de 2013 parte componente do imaginário que simboliza nessa imagem seus anseios por melhorias sociais.

Já o imaginário nórdico nos Estados Unidos, pode se dizer que propiciou, além de mais um feriado, a fomentação à atividade arqueológica naquele País. Aos buscar vestígios da suposta presença nórdica em seu território, os incipientes arqueólogos americanos redescobriram um “País” que, forçadamente, havia sido esquecido ao longo de sua evolução histórica: a Nova Inglaterra dos séculos XVI e XVII. Renegada e ignorada em detrimento de uma União, que em determinados períodos se encontrou muito frágil, e em nome da soberania desta, mas que se apresentava como uma rica fonte de cultura material que remontava aos colonizadores europeus da região.

Além disso, a difusão do imaginário e os anseios por resquícios materiais propiciou também a descoberta de inúmeros vestígios arqueológicos de diferentes nações nativas do continente americano. Algo que pode ser evidenciado pela Rocha de Dighton, que, após o fim de sua especulação como cultura material nórdica, foi um ponto de partida para aqueles arqueólogos que se interessavam em estudar a produção material dos índios norte-americanos anteriormente à chegada de Colombo.

Apesar de tudo aqui já dito, talvez o maior “beneficiado” com tamanha atenção que a ideia da presença nórdica na América recebeu foi o Canadá, que “presenciou” em suas terras o encontro do único sítio arqueológico nórdico do Continente (as afirmações de Løffler permanecem irrefutáveis desde 1883). Dessa forma, percebe-se que foi necessário um grande esforço, no sentido de se publicar várias obras, e até um filme, ao longo de tão extenso período, para que ao menos essa hipótese não fosse esquecida. E a “recompensa” desse esforço pode ser simbolizada nos achados de L’Anse-aux-Meadows.

Essa monografia pode ser concluída com a afirmação de que o debate intelectual sobre o imaginário nórdico na América permanece vivo, o que se evidencia com os novos questionamentos surgidos na contemporaneidade: teria Colombo feito uma viagem à Islândia, onde tomou conhecimento da existência de terras para o oeste do Atlântico, como afirma o arqueólogo americano William Fitzhugh? Ainda havia uma ativa colônia nórdica na Groenlândia quando Colombo aportou na América? Serão achadas, no futuro, evidências da

presença nórdica na América em outras localidades que não L'Anse-aux-Meadows? Tentar analisar tais questões neste momento está longe de minhas pretensões.

ÍNDICE DE FONTES

▪ FONTES PRIMÁRIAS

ADÃO DE BREMEN. From Adam of Bremen's *Descriptio Insularum Aquilonis*. In: OLSON, Julius E.; EDWARD, G. Bourne (eds.). **The Northmen, Columbus and Cabot, 985-1503: The Voyages of the Northmen; The Voyages of Columbus and of John Cabot**. New York: Charles Scribner's Sons, 1906, p. 67-68. Disponível em: <<http://www.americanjourneys.org/pdf/AJ-058.pdf>>. Acesso em: 26 mai. 2013.

ANÔNIMO. From the Icelandic Annals. In: OLSON, Julius Emil; BOURNE, Edward Gaylord (eds.). **The Northmen, Columbus and Cabot, 985-1503: The Voyages of the Northmen; The Voyages of Columbus and of John Cabot**. New York: Charles Scribner's Sons, 1906a, p. 69. Disponível em: <<http://www.americanjourneys.org/pdf/AJ-059.pdf>>. Acesso em: 26 mai. 2013.

_____. The Book of Settlements. In: PÁLSSON, Hermann; EDWARDS, Paul. **The book of settlements - Landnámabok**. Winnipeg: University of Manitoba Press, 1972, p. 15-148. Disponível em: <<http://books.google.com.br/books?id=jj6cIwMCZqIC&lpg=PP1&hl=pt-BR&pg=PP1#v=onepage&q&f=false>>. Acesso em: 25 jun. 2013.

_____. The Saga of Eric the Red. In: OLSON, Julius Emil; BOURNE, Edward Gaylord (eds.). **The Northmen, Columbus and Cabot, 985-1503: The Voyages of the Northmen; The Voyages of Columbus and of John Cabot**. New York: Charles Scribner's Sons, 1906b, p. 14-44. Disponível em: <<http://www.americanjourneys.org/pdf/AJ-056.pdf>>. Acesso em: 26 mai. 2013.

_____. The Vinland History of the Flat Island Book. In: OLSON, Julius Emil; BOURNE, Edward Gaylord (eds.). **The Northmen, Columbus and Cabot, 985-1503: The Voyages of the Northmen; The Voyages of Columbus and of John Cabot**. New York: Charles Scribner's Sons, 1906c, p. 45-66. Disponível em: <<http://www.americanjourneys.org/pdf/AJ-057.pdf>>. Acesso em: 26 mai. 2013.

▪ OBRAS ESTUDADAS

ANDERSON, Rasmus Bjørn. **America not discovered by Columbus: an historical sketch of the discovery of America by the norsemen in Tenth Century.** Chicago: S.C. Griggs, 1874. Disponível em: <http://ia600407.us.archive.org/29/items/cihm_26249/cihm_26249.pdf>. Acesso em: 21 mai. 2013.

BANCROFT, George. **History of the United States, from the discovery of the American continent to the present time.** Boston: Charles Bowen, 1834. Disponível em: <http://books.google.com.br/books?id=SiMJfltiASMC&source=gbs_navlinks_s>. Acesso em: 26 mai. 2013.

BEAUVOIS, Eugène. **La découverte du Nouveau Monde par les irlandais et les premières traces du Christianisme em Amérique avant l'an 1000.** Nancy: [s.n.], 1875. Disponível em: <http://ia700307.us.archive.org/31/items/cihm_05101/cihm_05101.pdf>. Acesso em: 22 mai. 2013.

DAVIS, Asahel. **Discovery of New England by the northmen five hundred years before Columbus.** New York: N. Tuttle, 1845. Disponível em: <<http://ia700400.us.archive.org/35/items/discoveryofnewen00dav/discoveryofnewen00dav.pdf>>. Acesso em: 21 mai. 2013.

DE COSTA, Benjamin Franklin. **The pre-Columbian discovery of America by the Northmen: illustrated by translations from the Icelandic sagas.** Albany: J. Munsell, 1868. Disponível em: <<http://ia700506.us.archive.org/0/items/precolumbiandisc00makirich/precolumbiandisc00makirich.pdf>>. Acesso em: 24 jun. 2013.

GATHORNE-HARDY, Geoffrey Malcolm. **The Norse discoverers of America, the Wineland sagas.** Oxford: Clarendon press, 1921. Disponível em: <<http://ia700301.us.archive.org/27/items/norsediscoverers00gathrich/norsediscoverers00gathrich.pdf>>. Acesso em: 01 jun. 2013.

GRAVIER, Gabriel. **Découverte de l'Amérique par les Normands au Xe siècle**. Rouen: E. Cagniard, 1874. Disponível em: <<http://ia700502.us.archive.org/15/items/dcouvertedelam00ingrav/dcouvertedelam00ingrav.pdf>>. Acesso em: 24 jun. 2013.

HOLMES, Herbert Edgar. **The makers of Maine; essays and tales of early Maine history, from the first explorations to the fall of Louisberg, including the story of the Norse expeditions**. Lewiston: The Haswell press, v. 1, 1912. Disponível em: <<http://ia700308.us.archive.org/24/items/makersofmaineess01holm/makersofmaineess01holm.pdf>>. Acesso em: 25 jun. 2013.

HORSFORD, Eben Norton. **Watertown, the site of the ancient city of Norumbega: remarks**. Watertown: [s.n.], 1890. Disponível em: <<http://ia700304.us.archive.org/0/items/watertownsiteofa00hors/watertownsiteofa00hors.pdf>>. Acesso em: 25 jun. 2013.

LØFFLER, Ernst Conrad Abildgaard. The Vineland-excursions of the ancient Scandinavians. In: **Congrès International des Américanistes**. Copenhague: [s.n.], 1884, p. 64-73. Disponível em: <http://ia700505.us.archive.org/0/items/cihm_33411/cihm_33411.pdf>. Acesso em: 06 mai. 2013.

MAHIEU, Jacques de. **Os vikings no Brasil**. Rio de Janeiro: Editora Francisco Alves, 1976.

RAFN, Carlos Christiano. Memória sobre o descobrimento da America no século décimo. Tradução de Manoel Ferreira Lagos. In: **Revista do Instituto Histórico e Geográfico brasileiro**, primeiro trimestre de 1840, tomo II, n. 5, p. 202-234. Disponível em: <<http://books.google.com.br/books?id=7iITAAAAYAAJ>>. Acesso em: 21 mai. 2013.

SHIPLEY, Marie Adelaide Brown. **The Icelandic discoverers of America; or, Honour to whom honour is due**. Londres: Trübner & co, 1887. Disponível em: <<http://ia700209.us.archive.org/5/items/icelandicdisc00shiprich/icelandicdisc00shiprich.pdf>>. Acesso em: 25 jun. 2013.

STEENSTRUP, Knud Johannes Vogelius. The old Scandinavian ruins in the district of Julianehaab, South Greenland. In: **Congrès International des Américanistes**. Copenhagen: [s.n.], 1884, p. 108-119. Disponível em: <http://ia700505.us.archive.org/0/items/cihm_33411/cihm_33411.pdf>. Acesso em: 06 mai. 2013.

WICK, Barthinius Larson. **Did the Norsemen erect the Newport Round Tower**. Cedar Rapids: The Torch Press, 1911. Disponível em: <<http://ia600308.us.archive.org/27/items/didnorsemenerec00wick/didnorsemenerec00wick.pdf>>. Acesso em: 01 jun. 2013.

- **Filme**

NEILL, Roy William (dir.) **The Viking**. Filme, USA, 1928, 90 min, 2-strip Technicolor. Disponível em: <www.youtube.com>. Acesso em: 02 jun. 2013.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARNEBORG, Jette. The Norse Settlements in Greenland. In: BRINK, Stefan (org.). **The Viking world**. London: Routledge, 2012, p. 588-597.
- BACZKO, Bronislaw. A imaginação social. In: LEACH, Edmund et Alii. **Anthropos-Homem**. Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1985, p. 296-332.
- BOYER, Régis. **Héros et dieux du Nord: guide iconographique**. Paris: Flammarion, 1997.
- BOULHOSA, Patricia Pires. Sagas islandesas como fonte da história da Escandinávia medieval. **Signum** 7, 2005, p. 13-40.
- BRAGANÇA JÚNIOR, Álvaro. Poesia histórica e/ou realidade literária – Walther von der Vogelweide e a Alemanha nos séculos XII e XIII: uma abordagem culturalista. In: SILVA, Andréia Frazão; SILVA, Leila Rodrigues da. **Atas da IV Semana de Estudos Medievais**. Rio de Janeiro: Fábrica de Livros, 2002, p. 57-68. Disponível em: <<http://www.abrem.org.br/biblioteca.php>>. Acesso em: 23 jun. 2013.
- CAPELATO, Maria Helena Rolin; D'ALÉSSIO, Márcia Mansor. **Nazismo: Política, Cultura e Holocausto**. São Paulo: Atual (Coleção Discutindo a História), 2004.
- DIAMOND, Jared. **Collapse: How Societies Choose to Fail or Survive**. London: Penguin Books, Edição Revisada, 2004.
- GRANATO, Marcus; RANGEL, Marcio Ferreira (orgs.). **Cultura Material e Patrimônio da Ciência e Tecnologia**. Rio de Janeiro: Museu de Astronomia e Ciências Afins – MAST, 2009.
- HOFSTRA, Tette. Changing views on Vikings. **Tijdschrift voor Skandinavistiek** 24, 2003.
- LANGER, Johnni. **Deuses, monstros, heróis: ensaios de mitologia e religião viking**. Brasília: Editora da UNB, 2009a.
- _____. História e sociedade nas sagas islandesas: perspectivas metodológicas. [S.l.]: **Alethéia**, n. 1, 2009b.
- _____. Morte, Sacrifício Humano e Renascimento: Uma interpretação Iconográfica da Runestone Viking de Hammar I. **Mirabilia: revista eletrônica da antiguidade e idade média** 3, 2003.
- _____. Pagãos e cristãos na Escandinávia da Era Viking: uma análise do episódio de conversão da Njáls Saga. **Revista Brasileira de História das Religiões**. ANPUH, Ano IV, n. 10, 2011.
- _____. Vikings, cultura e região: o mito arqueológico nórdico dos Estados Unidos. Salvador: **Olho da História**, n. 18, Universidade Federal da Bahia, 2012.
- _____. Vikings e fenícios antes de Colombo: fraudes epigráficas e mitos arqueológicos nas Américas. **Guia de Vikings Sobresites**, Rio de Janeiro, 2002.

_____. Vikings no Brasil? [S.l.]: **Nossa História**, n. 3, 2004.

LE GOFF, Jacques. **O imaginário medieval**. Lisboa: Estampa, 1994.

LÖNNROTH, Lars. Hjálmar's death and the delivery of eddic poetry. **Speculum** **46(1)**, 1971, p. 1-20.

LUNA, Jairo Nogueira. **Por uma mitologia das carrancas do Vale do São Francisco**. Orfeu Spam, v. 17/18, p. 16-20, 2007.

MAGNOLI, Demétrio. **Uma gota de sangue: história do pensamento social**. São Paulo: Editora Contexto, 2009.

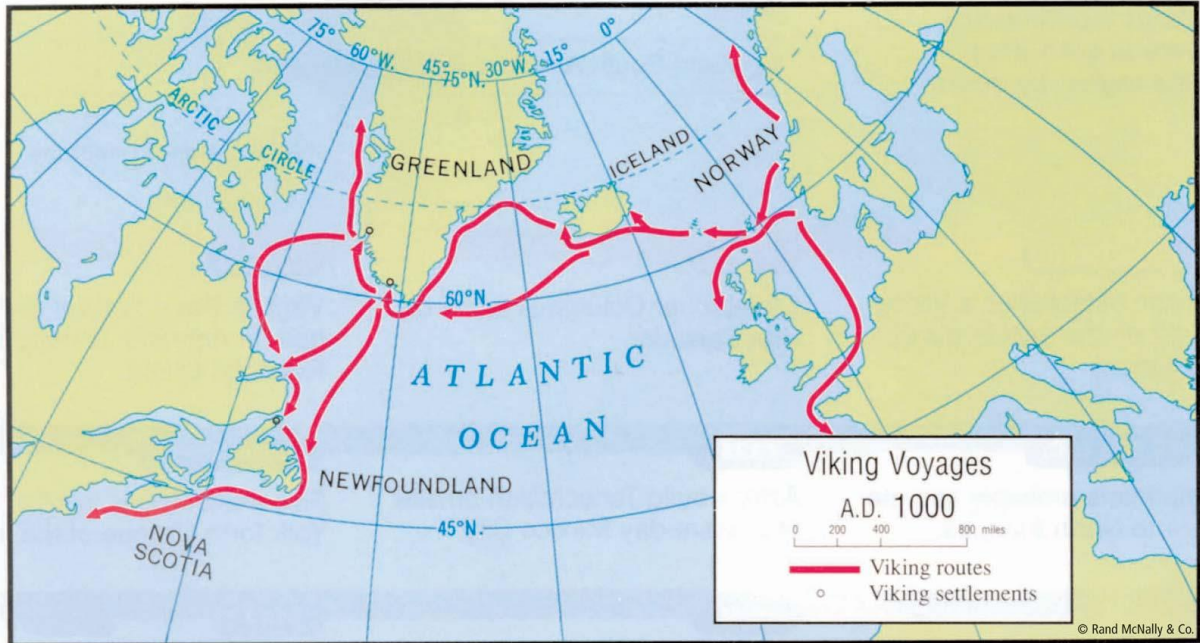
MIRANDA, Pablo G. Uma breve introdução as Sagas Reais. **Notícias Asgardianas**. N°1, Setembro/Outubro de 2012.

SAWYER, Birgit; SAWYER, Peter. **Medieval Scandinavia: from conversion to reformation circa 800-1500**. London: University of Minnesota Press, 2006.

UMBRICH, Andrew. **Early Religious Practice in Norse Greenland: From the Period of Settlement to the 12 th Century**. Reykjavík: Universidade da Islândia, 2012.

WÜRTH, Stefanie. Historiography and pseudo-history. In: MCTURK, Rory (Ed.). **A company to Old Norse-Icelandic literature and culture**. London: Blackwell Publishing, 2007, p. 155-172.

ANEXO A – Rotas de navegação no Atlântico Norte estabelecidas pelos escandinavos por volta do ano 1000



Fonte: Rand McNally Education.

ANEXO B – Territórios Canadense e Groenlandês e suas denominações atribuídas pelos vikings



Fonte: Timothy J. Stephany.

ANEXO C – Imagem da Rocha de Dighton apresentada por Ernst Løffler durante seu discurso no V Congresso de Americanistas



Fonte: adaptado de LØFFLER, Ernst Conrad Abildgaard. The Vineland-excursions of the ancient Scandinavians. In: **Congrès International des Américanistes**. Copenhague: [s.n.], 1884, p. 70.

ANEXO D – Localizações das “inscrições” e do “rosto esculpido” na Pedra da Gávea



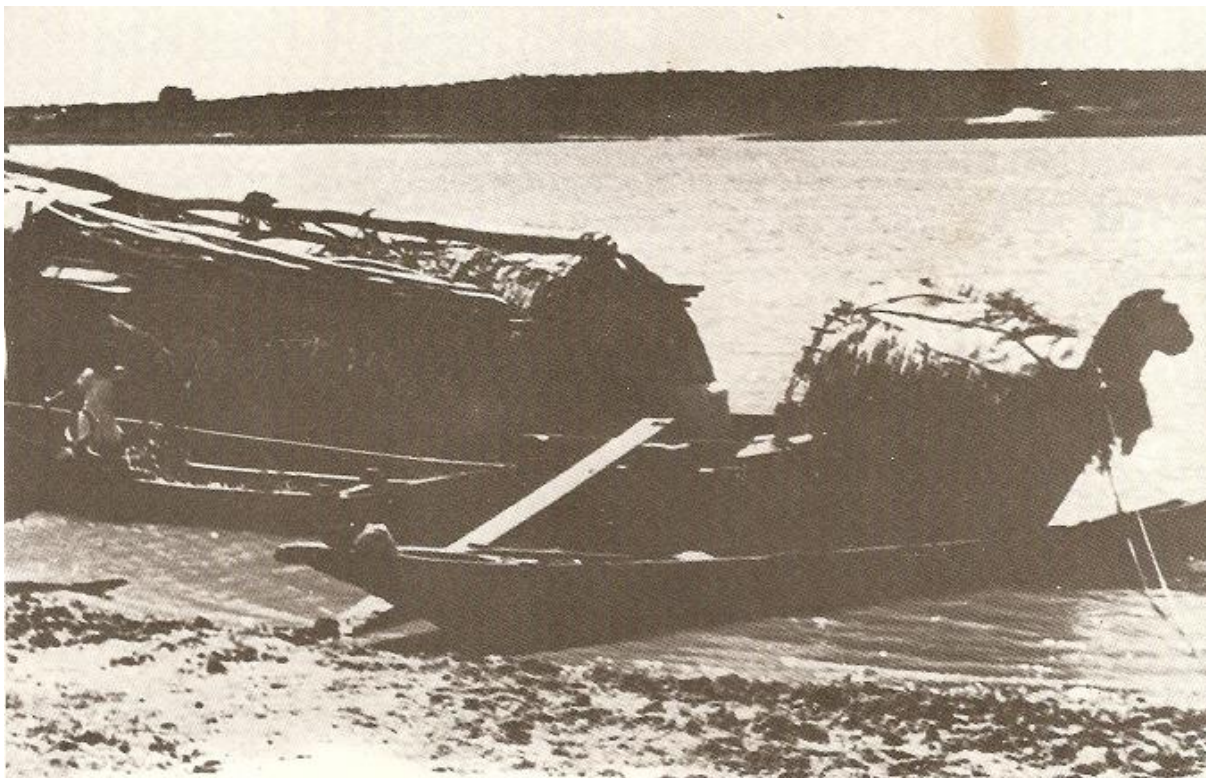
Fonte: escribacafe.com

**ANEXO E – Imagem de índio pertencente a uma suposta tribo isolada da Amazônia,
como apresentada por Jacques de Mahieu em seu livro**



Fonte: adaptado de MAHIEU, Jacques de. **Os vikings no Brasil**. Rio de Janeiro: Editora Francisco Alves, 1976.

**ANEXO F – Imagem de uma embarcação do Rio São Francisco, como apresentada por
Jacques de Mahieu em seu livro**



Fonte: adaptado de MAHIEU, Jacques de. **Os vikings no Brasil**. Rio de Janeiro: Editora Francisco Alves, 1976.